

ANO VI N. 283
RIO DE JANEIRO, 29 DE JULHO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1\$000



CARMEN VIOLETA

A black and white photograph of actress Carmen Violeta. She is smiling and looking down at a man whose profile is visible in the foreground. She is gently touching his hair with her right hand. She is wearing a light-colored dress with a large flower pinned to the shoulder and a bracelet on her right wrist. The man is wearing a dark jacket with the word "CINEARTE" printed on the back.

CINEARTE



EDWINA BOOTH & LILLIAN BOND
CINEARTE



CINEARTE

JEAN HARLOW E LEW AYRES EM
"IRON MAN" DA UNIVERSAL.

EMOS visto em vários jornais dos Estados, na secção consagrada à parte cinematográfica que já, agora todos tem referencias e queixas contra o gravame cada vez maior que recai sobre o comércio do Cinema por via de taxas estaduais, municipais e outras, cada dia que passa em via de aumento.

Os jornais do Rio Grande do Sul, onde acaba de ser creado o aparelhamento de censura, insurgem-se contra as taxas que vem sobrecarregar o film.

Em vários Estados já existe um imposto, dito de caridade que recai sobre as entradas de Cinema. E' o que acontece em quasi todos os paises europeus, onde a filantropia do Estado vai buscar recursos na bolsa dos que se divertem para amparar aquêles aos quais tudo falta.

Essa taxa de caridade é cobrada por meio de um selo ou calculada em globo fiada a administração na palavra dos proprietarios de salões.

Entre nós o imposto não se destina exclusivamente a fins de caridade; é renda ordinária da municipalidade. Os jornais gaúchos amedrontam-se com a

possibilidade do encarecimento dos preços de entrada com essas novas taxações, tornando o cinema "a unica diversão popular, o unico elemento de higiene mental pela distração que possuímos, um divertimento proibido ás classes média e pobre ou extinguindo-se pela impossibilidade de mantelo'.

Lembra-nos isso um artigo de órgão profissional de Buenos Aires, publicado ainda o mes passado fazendo considerações sobre a profunda crise que afeta o comércio cinematografico platino.

Excessivo o número de salas, raro conseguiu alguma delas funcionar com mais de meia casa.

Os preços carissimos, 3 pesos (13\$000) nos salões de mais luxo, 2 e 1 1/2 em outros de menos luxo afetam grandemente a concurrencia, porque nem toda gente pode dispor de quantias elevadas para gastá-las, nos dias que correm, com uma diversão que só ganhou a sua grande popularidade merce justamente da modicidade de seus preços.

O escritor cita o fato de um dos grandes salões o Callao haver perdido em 1930 oitenta mil pesos (uns quatrocentos contos em nossa moeda) não havendo tendências a ressarcir tal prejuizo no ano corrente, apesar de um dispendio superior a qui-

nhentos contos empregado por seus proprietarios em melhoramentos a beneficio do público.

E' natural que a crise mundial afete o espectáculo cinematografico. Todos os ramos da actividade humana dela se ressentiram.

Não iria o cinema constituir excepção.

Mas por isso que mingnam as rendas de outras partes lança o fisco as suas vistas sobre o cinema, como se elle só, indemne a atravessar a crise geral, constituísse uma injustiça.

O aumento das taxações que pesam sobre o espectáculo cinematografico obrigará ao aumento do preço das entradas. Esse aumento fará com que desapareça parte da clientela dos salões de exhibição, arrastando á falencias alguns cinemas, obrigados a fechar suas portas. E talvez o lucro do aumento das taxas desapareça ante o desaparecimento de vários contribuintes, consequente desse aumento.

Um dos jornais do Rio Grande que temos á vista acaba as suas considerações sobre esse assunto apelando para a Associação Brasileira Cinematografica.

Será possivel que essa Associação de fato exista?

29 DE JULHO

- DE 1931 -

A
PARAMOUNT

apresentará em 10 de Agosto:

Um idílio na Côte d'Azur, fantasia romantica
nos moldes de "Alvorada de Amor", com

JEANETTE M^{CD} DONALD

JACK BUCHANAN

Direção de

ERNST
LUBITSCH

Monte Carlo





O
Governador
do
Rio
em
visita
aos
Studios
da
Cinédia

ADOLFO BERGAMINI, INTERVENTOR DO RIO DE JANEIRO TAMBÉM FOI FILMADO NOS STUDIOS DA CINÉDIA.



LIGIA SARMENTO EM "ALVO-RADA DE GLORIA"



ADOLFO BERGAMINI, INTERVENTOR DO DISTRITO FEDERAL E ADEMAR GONZAGA, DIRETOR DE CINEARTE E CINÉDIA.



CARMEN VIOLETA EM "MULHER"



WALKYRIA MOREIRA EM "CASA DE CABOCLO".

ALDA RIOS



Foi Ramon Novarro quem disse: — "O melhor meio de começar, é como "extra", mesmo, fazendo o devido "training" para as principais posições mais tarde".

São pois palavras de Ramon. Ele começou como "extra". Assim como começaram todos quasi os grandes artistas de Hollywood...

E' como "extra" ou figurante que se obtém o alicerce mais solido para uma carreira. E' o primeiro degráu para a escada da fama.

A hierarquia cinematografica é a seguinte: estrela, posto mais alto. Seguem-se artistas "featured", galãs ou heroínas, artitas de pontas e figurantes ou extras. Neste artigo falaremos sôbre os artistas de pontas e os figurantes do Cinema Brasileiro.

No Cinema do Brasil é popularissimo qualquer artista importante ou diretor figurar em "bits". Em "Barro Humano" por exemplo, o film que inaugurou o verdadeiro e moderno Cinema Brasileiro, inumeras fôram as figuras conhecidas que aí figuraram e inumeras fôram também as que aí



Durante uma filmagem de "Mulher", vendo-se entre as figuras principais do elenco alguns extras notaveis: Vera Nair, Paulo Marra, Mario Moreno, Nina Marina e Luiz Roberto.



Lourival Agra figurou naquela cena de escritório de "Barro Humano" e agora em "Mulher". O seu ideal é a direção.

se celebrisaram. Ademar Gonzaga, o diretor do film, mesmo, figurou. Aliás ele figura em quasi todos os films brasileiros. Até em "Fome" de Olimpio Guilherme, apareceu! Pois Ademar Gonzaga além de "bits" foi muitas vezes "double" para o galã do film! Também Paulo Benedeti, o produtor, figurou numa cena com Humberto Mauro!

Em "Barro Humano" ainda, figuraram Iria Miraino, Polly de Viena, Esperança de Barros, Ivone Strada, Margaret Edwards e muitas outras personagens conhecidas. Na cena da piscina, apareceram entre outros Lelita Rosa, Carmen Violeta, Estele Mar, Gina Cavalieri, Raul Schnoor, Luiz Roberto, Paulo Morano Sergio Sorôa e outros. Lelita tinha um papel no film. Carmen Violeta, que dansou um tango no mesmo film é hoje estrela de "Mulher...", da Cinédia. Neusa Dora tornou-se Estela Mar, fez "Paralelos da Vida" e deixou o Cinema. Gina Cavalieri até hoje continua uma figurinha indispensavel aos nossos films. Ela fez 2 pequenos papeis em "Barro Humano". Hoje é uma das importantes figuras de "Mulher...". Depois de ter sido uma das estrelas de "Paralelos da Vida", que Gentil Roiz dirigiu.

Raul Schnoor, de extra passou á galã de "Paralelos da Vida", e mais tarde uma das figuras importantes de "Limite", film de Mario Peixoto. Hoje é galã de "Onde a terra acaba..." com Carmen Santos.

O Chico Sorôa ou Sergio Sorôa como estava apresentado como galã de "Degrãos da Vida" que Lourival Agra pretendia filmar, é irmão de Luiz Sorôa. Já figurou como extra em "Braza Dormida", "Sangue Mineiro", "Barro Humano" e "Mulher".

Paulo Morano, que aparecia dansando dentro da piscina em "Barro Humano", foi depois galã de "Labios sem beijos" e é hoje uma das principais figuras da Cinédia. Luiz Roberto e Sergio Sorôa figuram em pontas até hoje.

"Barro Humano" tinha ainda uma cena de baile, recordam-se? Onde Carmen Violeta dansava o tango languido que a celebrisou. Pois nesta sequencia, apareciam ao lado dos principais interpretes, Gina Ca-



Em "Sangue Mineiro" Ademar Gonzaga, de Cinearte, é o pai de Carmen Santos, na cena da festa.

valieri, Raul Schnoor, Iolanda Bernardi, e muitos outros. Iolanda Bernardi, hoje transformada em Tacina Rei, a



admiravel e graciosa "mulher n.º 2" de "Limite". E também Edgar Brasil, Sergio Barreto, Plinio Ferraz e outros. Em "Sangue Mineiro", que Humberto Mauro dirigiu, apareciam em ligeiras pontas o proprio Humberto e Edgar Brasil. o operador do film, que também operou "Limite" e opera agora "Onde a terra acaba..." Numa cena de baile no mesmo film, Ademar Gonzaga, diretor de "Cinearte" aparecia dansando com Carmen Santos, a estrela, e figurava ainda o conhecido e querido Paulo Morano.

Em "Labios sem beijos", o film da Cinédia, seu

acreana de nosso Cinema. Carlos Eugenio, hoje em "Mulher..." E a irrequieta e viva Gina Cavalieri que aliás tinha um pequeno e interessante papel no film. Como tem hoje outro em "Mulher..."

E assim por diante. "Mulher..." a 2ª produção da Cinédia também tem o seu interessante cortejo de figurantes. Ademar

Gonzaga, Paulo Morano, Lelita Rosa, Sergio Barreto Filho, de CINEARTE, são al-

Extras



Algumas coristas do teatro Recreio figuram em "Mulher". Algumas se continuarem, serão estrelas na certa.

diretor Humberto Mauro figurou. Ademar Gonzaga idem. No baile, apareciam Celso Montenegro, o "Leoncio", de "Escrava Isaura", e hoje galã de "Mulher..." Carmen Violeta, sempre interessante e cheia de boa vontade. Leda Lea, a

guns dos figurantes! Decio Muri-lo, que teve um papel em "Labios sem beijos", figura também. Humberto Mauro, Ernani Augusto de "Meu primeiro amor", Alda Rios, Leda Lea, Alfredo Rosario, Manoel Araujo e outros têm pequenos

papeis ao lado dos interpretes principais.

A seguir, vão os nomes de outros figurantes de "Mulher..." alguns estreates, outros já veteranos. Todos tipos interessantes e alguns com histórias bastantes curiosas.

Ivan Vilar é um deles. Se pertencesse ao Cinema Russo, certamente seria um grande e importante astro. Ivan o tervel, era "chaca-chuca" para sua mascara facial. Assim como a mais terrivel caracterisação de Lon Chaney é criança de peito para sua fisionomia.

Chama-se na verdade João Antunes Guimarães, e foi o "poeta" em "Barro Humano". E também o homem que ataca Lelita Rosa em "Labios sem beijos". Figura em "Mulher..." atualmente. Gosta muito do Cinema Brasileiro, e tem vontade de figurar em todas as produções da Cinédia. É esforçado, camarada e possui um coração que é um contraste vivo com sua fisionomia.

Flavio Lins, figurou num papel sentimental em "A's Armas" que Otavio Mendes dirigiu em S. Paulo. Agora figura novamente sob a direção de Mendes em "Mulher...". Chama-se José Batista Esteves e é o rapaz mais grave e cheio de paciencia que se conhece. É o gerente-geral da Cinédia.



Iolanda Rosa é uma estrela que surge.



Carlos Roberto figura em "Mulher".

Se Mario Moreno não vencer, já tem uma das histórias mais sentimentais e curiosa para contar com a sua entrada para o Cinema. Veiu lá de Pelotas ao Rio só para fazer parte dele.

o Cinema Brasileiro, seu principal característico é sem duvida alguma a sua classica gargalhada, que põe a de Bancroft, "knock-out"...

Outro curioso figurante de "Mulher..." é Paulo Marra, chamado o "Stan Laurel" da Cinédia. Porque tem uma fisionomia um tanto parecida com o conhecido comico americano, e é na verdade um tipo bastante interessante. Tem em "Mulher..." uma pequena "gosada" parte.

Lourival Agra teve um pequeno papel em "Barro Humano". Depois esteve quasi filmando uma produção sua, "Degraus da vida", que não foi continuada. É também um entusiasta pelo Cinema Brasileiro, figura em "Mulher..." porque não

Este é Paulo Marra, o "Stan Laurel" é o tipo mais curioso que apareceu ultimamente. Já figura em "Mulher", e vai continuar com a Cinédia.

pode andar longe do Cinema. E é bem capaz que ainda venha a produzir.

Figuram ainda entre muitos outros, Sergio Sorôa, irmão de Luiz Sorôa, e Haroldo Mauro, irmão do diretor Humberto Mauro, um grande devotado ao Cinema do Brasil, "extra" de muitos de nossos films como "Braza dormida", "Sangue Mineiro", "Tesouro perdido", "Barro Humano", etc. Até um Buster Keaton apareceu!

A parte feminina de "Mulher..."



Estela Mar e Brutus Pedreira de "Limite" apareceram em "Barro Humano" Cecí Quintanilha, ao centro, também é uma "extra" de destaque do nosso Cinema.

está defendida por ótimas estrelas e no terreno das figurantes (Termina no fim numero).

NOTAVIEIS

Carlos Romano é um dos estreates de "Mulher...". Tem o papel de um diplomata... É um tipo interessante, sempre, entusiastado, alegre e conversador. Gosta do Cinema Brasileiro. Esteve vários anos nos Estados Unidos, de onde, regressou á pouco tendo figurado como "extra" em diversos films americanos feitos em Long-Island, diz ele.

Mario Moreno, outro figurante de "Mulher...", tem uma historia interessantissima. Morava em Pelotas, Rio Grande do Sul, e Cinema foi sempre sua grande adoração. Principalmente o Cinema Brasileiro. Certa vez mandou um retrato seu ao Operador, de CINEARTE, que por sua vez mandou dizer-lhe, ser ele um tipo aproveitavel e que se não fosse o impecilho da distancia que o separava do Rio, talvez pudesse ter até um bom papel em "Preço de um prazer", da Cinédia. Mario Moreno respondeu que viria ao Rio, então. Tempos passaram-se e um dia apareceu mesmo! Pelo Cinema Brasileiro, deixara Pelotas onde tem familia, emprego e também o coração prisioneiro! Trouxe para o Rio, sua boa vontade, seu entusiasmo, menos o coração que ficou lá em Pelotas, mesmo... Mario empregou-se aqui no Rio, onde encontrou bons ami-



Por que será que um certo numero de pequenas é sempre popular com os rapazes e outro não é? Por que será, também, que certas pequenas lindas, lindíssimas, mesmo, podem perfeitamente andar desacompanhadas, por todos os lugares e outras, ao contrario, mais feias, mesmo, de olhos menos bonitos e bocas menos bem torneadas, não podem fazer o mesmo, sem o perigo de serem interpeladas e ofendidas por frases ou palavras malandras?

Todas as pequenas de Hollywood são agradáveis de se ver. Nem todas, entretanto, têm círculos de profundos admiradores. Como razão principal do que afirmamos, citamos uma pequena que é a mais linda do Cinema e, no entanto, não tem essa legião de admiradores que deveria ter... Os homens não a procuram para dançar e os produtores não andam muito interessados em contratá-la...

A beleza, de formas perfeitas, incomparáveis, está provado que não é aquilo que os homens querem. Jamais o foi, mesmo. Rodeada pelas mais famosas belezas da medieval corte Florentina, achava-se La Gioconda, Mona Lisa, aquela que Leonardo Da Vinci immortalizou na tela. Começou ele, depois disso, outros tantos quadros de mulheres belas; muito mais belas do que La Gioconda, mesmo. No entanto, nem conseguiu terminar a muitos delas... Porque seria que La Gioconda, mais feia, embora, fascinava muito mais do que as mais lindas do que ela?...

Kay Francis é uma dessas criaturas que têm os dons de Mona Lisa, a La Gioconda de Da Vinci. Antes do seu casamento com Kenneth Mac Kenna, depois de um curto e romântico idílio de poucas semanas, Kay era uma das mulheres mais requintadas e mais procuradas de toda Hollywood. A todas as festas, primeiras e demais festas. Kay sempre tinha varios convites de homens que a queriam para companhia. Todos, naturalmente, lembravam-se do seu sorriso, do modo dela abandonar a cabeça á esmo e de outros tantos requintes de sedução que a tornam irresistível. Causas assim, sem duvida, foram aquelas que inspiraram Leonardo Da Vinci a apresentar a sua La Gioconda...

Acham, muitos, que a popularidade de Clara Bow, com os homens, provém do fato dela ser intempestiva, quasi selvagem. Tenho absoluta certeza, entretanto, de que tal não se dá. Conheço Clara Bow ha muitos anos, tantos que vão muito além do periodo em que

ela se viu famosa, mesmo. Os pedidos que os homens lhe fazem para que ela use seu cabelo assim e tudo quanto mais lhe pedem é que a tornaram assim selvagem. Nunca conheci ninguém, além disso, com tanto instinto de escravidão de homens quanto Clarinha. Nela, os homens encontram a criatura violenta, ardente, unica, que obedecem só pelo prazer de a verem enfurecida, cheia de coiera, cousa que



Constance Bennett

de outro, têm a idéia que é nos deles que ela está...

Vendo Constance Bennett, o que vê você mais? O rosto ou o corpo? Ela das muitas que conseguem esses efeitos pelo modo com que usa os seus vestidos. Deliberadamente ou instintivamente, não sei bem como, Constance tem sinusidades ricas de sedução e movimentos encantadores de sensualismo que transtornam a cabeça dos homens que a têm perto de si. Ela é dessas que seduzem á primeira vista e domina. Pelo poder do seu corpo e, depois, pelo seu olhar. De ambos ela trata com desvelado carinho...

mais a torna arrebatadora. Ela é o tipo da pequena que "topa" qualquer parada e que presa á liga traz o uisque clandestino numa carteira de prata... Os poucos

O QUE OS

vestidos de Clara Bow, os seus modos estabados, as promessas adiantadas que seus beijos dão ao homem que a tem nos braços, são cousas que a tornam imensamente popular. E' por isso que o público a admira. Principalmente o público masculino. Vêem isso tudo nela e, embora a vendo nos braços

Myrna Loy

prias mãos, do seu majestoso jardim. Quando chegou o momento do jantar e, depois dele, o instante de serão, estragou ela toda a montagem desiludindo o homem com uma simples opinião que deu de um jogo de bridge, revelando, nela, muito maior conhecimento do que ele no mesmo jogo... Era preciso que ela tivesse fingido ignorancia, que se fizesse femina demais. Esqueceu-se deste detalhe. O cavalheiro já mais apareceu...

HOMENS QUEREM

Peggy Hopkins Joyce, que o Cinema já mostrou, embora ligeiramente, é dessas mulheres que conhecem, de sobra, o que os homens querem... Um maitre d'hotel de New York disse-me, certa ocasião, que quando Peggy almoçava, no seu hotel, homens e mulheres não perdiam-na de vista. Era um verdadeiro espetáculo... Tradução viva da ansia de muitas em aprender aquilo que a mestra tão sabiamente faz e, deles, em sentirem-se já fascinados pelos encantos daquela feia, mas absolutamente perigosa criatura.

Lembro-me de um dia em que surpreendi Constance Talmadge, criatura sem sal, digase, tomando chá, em companhia de Peggy e (Termina no fim do numero).



Kay Francis

Para saber o que os homens querem, nada mais prático e mais facil do que eliminar aquilo que eles não querem.

Conheci uma estrela que deu um jantar á um homem que ela queria. Esse homem na sua opinião, era tudo quanto a poderia fazer feliz. Preparou tudo com o mais desvelado carinho. Cuidou até das orquídeas que apanhou com suas próprias mãos, do seu majestoso jardim. Quando chegou o momento do jantar e, depois dele, o instante de serão, estragou ela toda a montagem desiludindo o homem com uma simples opinião que deu de um jogo de bridge, revelando, nela, muito maior conhecimento do que ele no mesmo jogo... Era preciso que ela tivesse fingido ignorancia, que se fizesse femina demais. Esqueceu-se deste detalhe. O cavalheiro já mais apareceu...

Marion
Nixon,
sua
casa e
seu
marido...



Pergunte-me outra...

SÍLVIO (Rio) — Mas por que? O que lhe tem acontecido para andar assim? Está para breve, bem breve, mesmo. Pois venha, quando quiser.

RUTENIO RIBEIRO (Fortaleza, Ceará) — Não é casada. Ela amou Mauritz Stiller e falou que também, e, naturalmente com muito mais razão, John Gilbert. Mas até hoje não se casou. Barbara Stanwyck é uma das que estão em grande evidência. Escrevendo-lhes. Mande perguntar quais os endereços dos seus preferidos e escreva mesmo em brasileiro, grifando apenas a palavra PHOTOGRAPH, para logo saberem do que se trata. Robert Montgomery é casado com uma pequena que não é de Cinema e nasceu em Beacon, New York, Estados Unidos. Jeanette MacDonald está noiva, mas não se casou, ainda. Nasceu em Philadelphia, Pa. Volte quando quiser e aqui me encontrará para lhe dar as respostas.

DANILO BASTOS (Rio) — Aqui as respostas que pede. 1.° 27; 2.° E; 3.° Está noiva e nunca esteve casada; 4.° Carmen Violeta chama-se, na vida real, Germana Barbosa; 5.° Às vezes é demora da carta; de outras, sobras na secção e transferências consequentes para as próximas. De nada e esperando outras suas. Até logo!

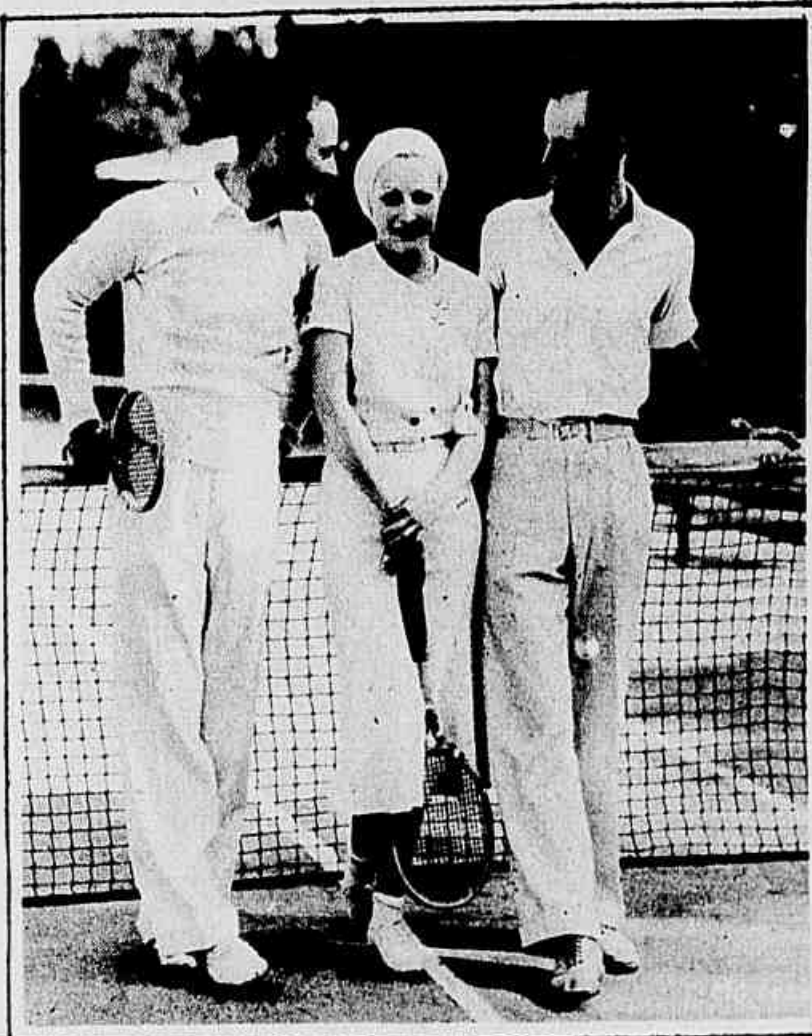
DANILO TORREÃO (Recife, Pernambuco) — Napoleão (Napoleon), 1928; A Última Gargalhada (Der Letzte Man) 1924; Metropolis (Metropolis), 1926; Alta Traição (The Patriot), 1928; Ouro e Maldição (Greed), 1924; Intolerância (Intolerance), 1916; Esposas Ingenuas (Foolish Wives), 1922; Chang (Chang), 1927; Vontade Suprema (That

se pode fazer. Pois é só escrever-me, perguntando aquilo que quiser saber e, em seguida, obterá as respostas. Outrotanto, amigo.

MISTER BOND (Santos, S. Paulo) — Aqui as respostas que me pede: 1.° atualmente mudou-se; escreva-lhe ao nosso cuidado, entretanto, rua da Quitanda, 7, que faremos chegar às suas mãos; 2.° Constance Bennett, RKO-Pathé Studios, Culver City, California; 3.° Gary Cooper, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 4.° Mary Brian, idem; 5.° Anita Page chama-se Pomares, que é o seu verdadeiro nome de família. 23 anos.

A. PEREIRA (S. Paulo) — Meu amigo, para que "Cinearte" publique fotografias é preciso que haja uma boa justificativa e esta será ter figurado ao menos numa cena de um film brasileiro. Mas não desanime por isso e continue firme no seu ideal.

MORENA SONHADORA (Rio) — Tinha no-



JOAN CRAWFORD JOGOU TENIS COM MONROE OWSLEY E ESTE CAVALHEIRO A DIREITA, HARREY SNODGRASS FOI O JUIZ.

quanto eu me sinto satisfeito em tomar conta desta secção. Não acredito que tenha esse "faro" William Powell numa aventura de Philo Vance... Apenas para variar, não há classificação certa. Eu enviaria, sim. Tudo é possível e se nada lhe custar, arrisque. Até logo, Mario.

ARISTIDES V. (Rio) — Tenho animo, repito. Continue a sua carreirinha no teatro de amadores que ainda poderá brilhar e o Cinema a qualquer momento pode precisar de si. Se quiser mandar, mande que talvez eu vá... "invizível" como sempre... O film virá, sim, mas a "estrela" acho que não... Até logo Aristides!

J. M. F. (Curitiba, Paraná) — Tem razão, mas calma. Depois foi preciso montar a oficina. Agora, um pouco mais de espera... Até logo.

TEIMOSA (Rio) — 1.° "Broadway Melody", exibido no Palacio Teatro.

ZEZÉ SUSSUARANA (Jacarei, S. Paulo) — Não sei dizer porque "Barro Humano" e "Labies Sem Beijos" nunca passaram aí. Quanto à sua carta não publicamos porque somos em parte suspeitos. Mas acredite que mostrei a todos aos quais se refere e pela parte que também me toca, não sei como agradecer tanta gentileza. O publico não sabe dos sacrificios e não sabe dos elogios... Volte sempre, Zézé.

R. VIEIRA (Rio) — De fato, meu amigo, isso sucedeu, sim, se repetirá. Naturalmente houve esquecimento. O remédio talvez seja escrever outra carta. Quanto ao film, está em andamento. Os trabalhos de filmagem são excepcionais e demoram.

G. COLMAN (S. Sebastião do Paraíso) — Errou nas suas considerações, meu amigo. Foi justamente um erro no qual absolutamente não reparei e nem reparo. Quanto ao assunto das assinaturas, dirija-se, por obsequio, à gerência, rua da Quitanda, 7, com a qual tratam-se esses assuntos.

NICE (Rio) — Não se preocupe com a minha grande correspondência. Para atender aos meus amigos é que aqui estou, Nice. Suas respostas:

1.° Mande, primeiramente, uma fotografia sua para "Cinédia Studio", rua Abílio, 26, S. Cristóvão. Depois aguarde acusação de recebimento e resposta: 2.° é um caso que só poderá ser conversado depois da primeira hipótese solvida. Não se importe com o aspeto. Mande as fotografias.

ELZA (Rio) — Ele não tem estado em Hollywood e sim em outra cidade a nosso serviço.

OPERADOR

PAULINE FREDERICK NO TEMPO DE JOÃO CANUDO, REPRESENTANDO A FIGURA DA PAZ! NOTE-SE AQUELE POMBO (SIM, DEVE SER UM POMBO) A CABEÇA E OS LÍRIOS COMO ACABAMENTO.



MARY BRIAN, RICHARD ARLEN E LOUISE FAZENDA QUANDO FILMAVAM "GUN SMOKE".

tado, realmente, que se tinha afastado deste cantinho... Importuna, Nunca! Todos são oportunistas



NO RESTAURANTE DO STUDIO: JUNE MC CLOY, E. SUTHERLAND, WYNN GIBSON E JACK OAKIE.

Royle Girl), 1926; A Turba (The Crowd), 1928 e Aurora (Sunrise), 1927. Até outra, Danilo!

ABELARDO O. (Recife, Pernambuco) — 1.° Pelos "Acabaram-se os Otários" e "O Babão", Luiz de Barros, Cine Coliseo, Largo do Arouche, S. Paulo; "Campeão de Foot Ball", Genezio Arruda, "Moinho do Jéca", Praça da Sé, S. Paulo; 2.° Varias agências. Pergunte qual aquela que lhe interessa, especialmente; 3.° Escreva-lhe para a nossa redação, rua da Quitanda, 7, pois ignora-se o seu presente endereço e, da mesma forma, ser-lhe-á entregue a carta.

NURIPÊ BITENCOURT (Rio) — Grato pelos mesmos, Nuripê. Volte sempre e quando quiser.

M. LUDOVICO (Pelotas, R. G. do Sul) — Dá-lhe lembranças nossas e felicite-o, igualmente, por ter travado conhecimento com um "fan" bom como ele o é. Você não é brasileiro, também?...

GIL NITRAM (Juiz de Fora, Minas) — Você esqueceu-se do endereço, Gil. Foram entregues à Cinédia. Ha, você bem o sabe, o caso da distancia que "Cinearte", aliás, pela secção "Cinema do Brasil", tratou recentemente. Em todo caso, não desanime e espere, confiante.

C. ASFOR (Cratêus, Ceará) — Não nos chegou às mãos, amigo Asfor. Se enviar outra, ver-se-á o que

simos e amigos. E' natural que seja modesta. Mas não seja ao ponto de assim desmerecer seu lindo rostinho. O segundo problema é sempre o peor e o mais desilusionador de todos. Mas se tem fé, continue certo de que chegará seu dia.

MARIO ROMUALDO (Belo Horizonte, Minas Gerais) — Hoje é o dia da modestia, amigo Mario. Agora é que me ven com o seu "mediocre" e outras cousas assim... Deixemos isso! Vocês são todos muito interessantes e muito curiosos. Nem imagina o



CINEMA DE PORTUGAL

A PROPOSITO DE "NÚA", NOVO FILM NACIONAL
(DE J. ALVES CUNHA PARA "CINEARTE")

Certo dia, conversando com Leitão de Barros a respeito de critica, dizia-me este conhecido realizador português: "Tratando-se duma produção nacional, duma obra que enfim é criada por nós ou entre nós, seja de que espécie for, o nosso sentido critico redobra e a observação analítica toma uma lógica e consequente agudeza, que se apodera de nós quasi que insensivelmente."

"Cria-se um sub-consciente que nos leva a assim encarar as coisas. E note-se isso dá-se comigo mesmo; com toda a gente".

Era mais ou menos o que me dizia o apreciado "metteur en-scène" de LISBOA, MARIA DO MAR e A SEVERA. E tinha realmente muita razão, constatando um facto que frequentemente se dá entre nós sempre que aparece uma película nacional.

Concordamos plenamente que o nosso cinema tenha sido fraco, bastante mau por vezes. A critica porém, em Portugal, tem-se consagrado mais à missão desoladora da impiedade, analisando com uma frieza que desanima e que mata até. Raramente, muito raramente, nasce um film no nosso meio, que seja rodeado dum carinho especial e logicamente aceitavel entre portugueses. E ao criticar, quando o film surge na tela, os mais insigni-

vamente duma película capaz de nos deixar inesquecíveis recordações, mas é muito aceitável e suficiente para não merecer grandes censuras de estrangeiros que a poderão olhar sem grande enfado, pelo menos.

E' um film modesto, sem pretensões, com uma historia simples e uma interpretação razoavel. Se ha intérpretes com pouca segurança, outros ha que se manifestam predestinados para a arte cinematografica, com uma firmeza louvavel e digna de apreço como seja a principal figura feminina Saur Ben-Hafid. Os outros papeis de relevo na acção, são confiados a Eduardo Malta, Rosa Maria e Castro Neves (o autor do argumento).

Além disso, a fotografia é excelente, salvo nalguns interiores cuja ausencia se acentua sem grande preponderancia e os exteriores naturais são duma beleza incomparável, como só sabe oferecer o nosso país.

Eis o argumento em breves linhas: Após um desgosto amoroso numa praia da moda, o jovem pintor Rui, a convite dum primo casado com uma encantadora mulher, decide-se a passar uns dias ao seu lado no castelo onde habita o casal, longe do bulício das cidades.

Um dia encontrando-se nas proximidades dali entregue á sua pai-



SAUR BEN-HAFID

que será morta se elle não entregar as exigidas centenas de contos de réis á enigmática personagem que os ameaça, prontifica-se a pagar essa importancia. Recupera assim a jovem que lhe conta então a verdade. Tudo fôra uma comedia urdida por seus primos que se achavam arruinados. Ela não passava duma modesta artista de teatro sem trabalho que se prestára áquelle papel de pseudo-cigana pela necessidade. Mas, confessa que o ama sinceramente. E o pintor sente-se feliz com o amor de Zorca, esquecendo tudo e a patifaria dos primos.

A direcção do film de Maurice Mariaud, conhecido realizador francês que ha alguns anos dirigiu já entre nós os films portugueses "O Fado" e "Os Faroleiros", é simples e sem grande tenacidade sobretudo na orientação de alguns intérpretes que elle deveria dominar com mais efficácia. De resto, como eu já disse, NUA é uma produção que pôde ser vista sem aborrecimento pela maioria do publico — o que é, afinal, um dos predicados essenciais a qualquer película.

+ + +

NOTAS — Será apresentada muito brevemente o novo film nacional A PORTUGUESA DA NÁPOLES, que Henrique Costa acaba de realizar. Parece que se trata duma película que, embora muda, deverá marcar nos annos do Cinema português. Os intérpretes são: Maria Sol, Heloisa Clara, Antonio Pinheiro, Duarte Costa e Francisco Sena. O assunto é uma historia cheia de intensidade dramática e de pitoresco.

Porto, Junho de 1931.



ROSA MARIA FOI UMA INGENUA EM "MARIA DO MAR". AGORA É UMA VAMPIRO EM "NUA"...



ficantes e deficientes pormenores que em fitas estrangeiras passariam sem reparo, são apontados e estigmatizados, num "bota a baixo" desconcertante.

NUA, a nova produção portuguesa que ultimamente se exhibiu nas telas portuguesas, não conseguiu, como todas as suas antecessoras, eximir-se a esse acolhimento peculiar de brava critica e comentarios amargos.

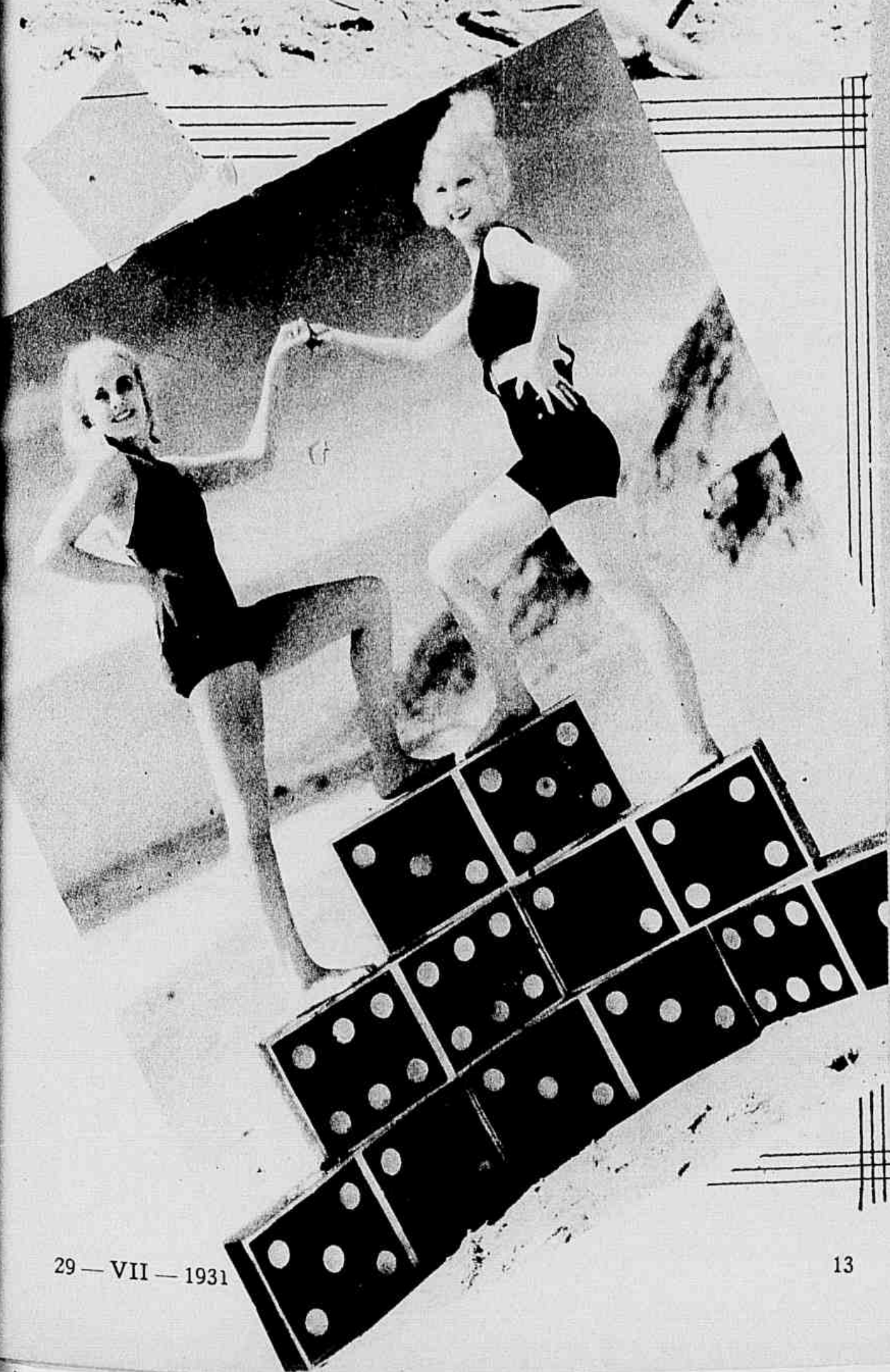
Nós bem sabemos que não se trata posi-

xão de artista, a pintura, depara com uma estranha e sedutora jovem que se banha completamente nua numa ribeira. Trata-se de Zorca, uma cigana dum acampamento estabelecido perto. A cena inspira-lhe uma idéa: pintá-la. E pouco depois arrebatá-a, instalando-a ao seu lado no castelo de seus primos. E enquanto vai pintando a beleza exquisita da jovem numa tela, uma paixão nasce entre os dois. Amam-se profundamente. Mas, dia para dia, vão surgindo cartas ameaçadoras pedindo um resgate pela jovem cigana. Rui teme bastante pela sorte da mulher que ama e depois de varias cenas de atentados misteriosos, depois de lhe raptarem em circunstancias desconhecidas a sua adorada

JOGANDO
COM A
PUBLICIDADE.
ALGUNS
DADOS
DAS PRAIAS
DA CALIFORNIA...



JOAN
MARSH
E
MARY
CARLYLE...





Naturalmente Greta Garbo foi a **estrela de Anna Christie**. Quando o film foi exibido, entretanto, verificou-se que o brilho todo da representação ia para Marie Dressler. Ela, no papel de embriagada, exentérica e infeliz Marthy, conseguiu aquilo que poucas até hoje têm conseguido: roubar o film de uma **estrela** e, principalmente, aquilo que ninguém até hoje fez, roubar um film de Greta Garbo!

A sua caracterização foi das mais comentadas em Hollywood e, pelo mundo todo, em pouco tempo, espalhou-se a sua fama, conseguida, bem marcante e decisiva, depois dos seus 58 anos de idade... Note-se que Hollywood já considera 28 primaveras muitas, demais, mesmo, para o sucesso na carreira...

O sucesso que Marie Dressler consegue nessa idade, é realmente estupendo. E' a força indiscutível da sua arte sem par é o aspeto curioso de uma artista que luta há anos pelo sucesso e o consegue justamente quando o animo falta às outras...

Paderewski, Sarah Bernhardt, Melba, Luther Burbank, Thomas Edison, todos eles fracassaram

depois dos trinta. Isto é: diminuíram o prestígio e tornaram-se demasiadamente repetidos vulgares, sem nada de novo inventar. Marie Dressler é quase uma exceção, portanto...

Em materia de genio, Marie é a creatura mais jovial e criança, mesmo, que já encontrei, equiparando-se, se o quizerem, apenas a Mitzi Green. Sente, cada dia, mais ancia de viver e, com sua carreira, principalmente, tem carinhos de mãe afetuossissima. Aproxima-



ma-se dos sesenta, entretanto e, apesar do peso dos seus anos, é mais feliz do que Clara Bow, com apenas 25 e do que muitas outras que o publico sempre vê sorrindo, mas que intimamente vivem a eterna historia triste do palhaço...

— Ainda tenho 58 anos! Se você souber somar, meu amigo, o ano vindouro saberá minha idade. 57! Sim, 58 + 1 = 57...

Riu-se.

— Além disso, seu malcreado, eu não ando perguntando a ninguém a sua idade; como é que você quer saber a minha? Se uma pessoa é moça no coração, na alma e em todo o intimo, sempre está nos vinte de idade.

Ela ri-se dêsse

religião. Todos a devem ter. Seja ela protestante, catolica, ortodoxa ou de qualquer outra especie. Existem, para Deus, muitos caminhos. Ele é o refugio e o conforto supremo. Quando se é joven, tem-se a impressão de que não se necessita da religião. Eu mesma, quando tinha apenas vinte, não pensava muito nela... Agora, no entanto... E' o meu verdadeiro arrimo!

Olhou-me. Teve um daqueles

APRIL

que falam que os produtores apenas querem gente moça, nova, cheia de vida. Ri-se, porque o seu sucesso tem sido maior e mais moço do que o de muitos jovens... Perguntei-lhe se ficára plenamente satisfeita com o seu vencer continuo, nos films.

seus característicos movimentos de cabeça e, depois pôs-se a falar.
— O que quer uma mulher? Boa vida? A minha, por exemplo, é excelente! Atenção dos homens? Agora eles me dão atenção do que já me de-

— Mas é logico! Nesse glorioso sul da California, francamente, jamais pensei vencer em toda a linha como o tenho feito, ultimamente. Não sei, além disso, porque é que acham que uma pessoa, aos 58 anos, não possa conseguir todo sucesso. Só se lhe faltar animo, coragem, vontade de vencer. Eu esperei muito. Mas muito mesmo. Nunca me faltou, entretanto, a certeza de que ainda teria o Cinema aos meus pés. Isto é: aos pés das minhas vitórias nos films que vivem a minha alma e toda a sinceridade de coração do meu representar. Há cousas que são, na vida, imprecindiveis. A saúde é uma delas. Sem ela... Pois é dela que tomo o meu maior cuidado! Depois, é saber rir e ser alegre. O lado humorístico da vida é o mais agradável de se viver, francamente. A terceira coisa, talvez o surpreenda, sim, mas é a

ram, toda minha vida. E' logico que não me querem **flirtar** e disso estou certa, mas eu pago na mesma moeda não quero **flirtar** com nenhum deles também... Gostaria que todos me vissem e aceitassem isto que quero dizer, se bem que não seja nenhuma pessoa que possa exigir a geral atenção e nem mesmo uma atenção especial. Quando jovens, as pessoas devem aprender a representar. Depois disso quando já o souberem, devem cogitar de divertirem-se, o mais possivel. Juguem **bridge**, se quizerem, ou dansem. Quando começarem a fenecer, não char, terminar a mocidade, verão que não estarão sózinhas e nem abandonadas, na vida. Detesto, por exemplo, ter em minha casa gente que não sabe jogar ou fazer qualquer coisa. Souber que alguém diz de mim "Marie vem hoje. O que farei eu com ela?" morrerei de tristeza, nesses dias...

Marie Dressler acha que o passado é alguma coisa que os cenaristas inventam para fazer mais bonitos alguns films. Ela vive apenas no presente e para o futuro. O seu passado sempre o diz, é morto e já está enterrado há muito. Não se acha absoluto-

ma que o pass
e os cenarist
mais bonitos
enas no prese
O seu passad
e já está ent
acha absol

DIE FRAU IM MOND—(A Mulher na Lua) — Ufa — A menos que se seja dado a ciencias, astrologia particular, para apreciar esta ficção. Tem um romance amoroso. Mas

MIN. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CIÊNCIAS

Nova
edição
de
"Lasca"

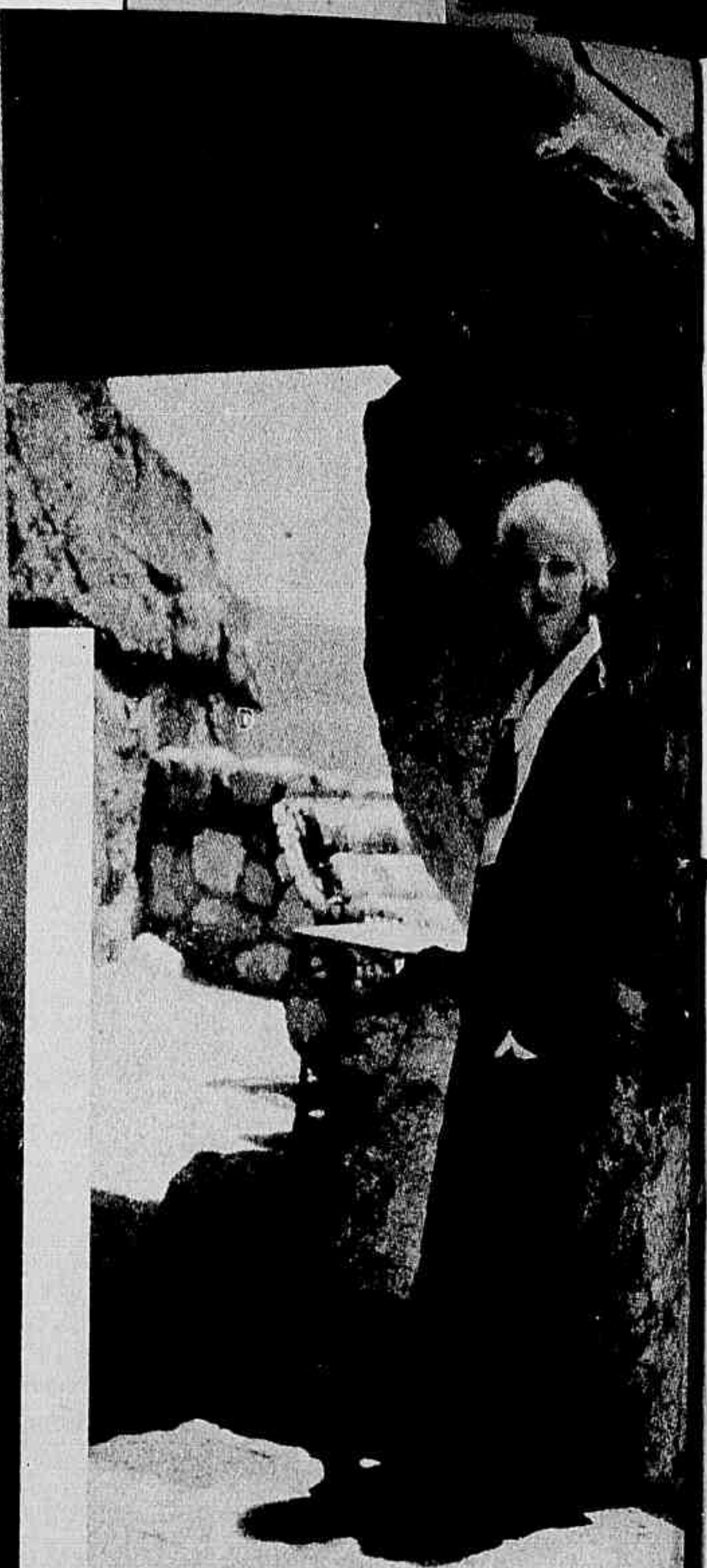


DOROTHY
BURGESS
E
JOHN MAC
BROWN



DOROTHY...

LEMBRAM-SE
DA PRIMEIRA
VERSÃO COM
EDITH
ROBERTS?



ANN
HARDING.



ANJO
DAS
SELVAS...



O drama
que se
fez
mulher...

Nomes, nomes, Nomes!

Grito do produtor. Nomes para ilustrarem as fachadas luminosas dos Cinemas. Nomes que agitem o sangue dos povos do mundo todo...

Os Studios procuram gente nova. Querem novas personalidades. Fazem estrelas, parece, apenas para as deixarem novamente tombarem... O que é a causa disto? São três as pequenas que imediatamente nos vêm á mente. Seus nomes são suficientemente conhecidos. Ha anos, no entanto, têm estado paradas. Porque?

São elas, Betty Bronson, Madge Bellamy e Olive Borden. Existem muitas outras. Mas fiquemos, para comentar, nestas três pequenas de sobrenomes que começam por B. porque fracassaram estas pequenas? Consideremos ambos os aspectos da questão: produtores e estrelas.

Primeiro caso: Betty Bronson.

Depois do seu enorme sucesso em **Peter Pan**, deu-lhe a Paramount um contrato como estrela. Depois brilhou em **Ben-Hur**. Agora, ha meses sem trabalho, está tendo um papel sem importancia num film da Columbia. Porque?

Ouçamos, antes, o lado do produtor, ou, melhor, o seu ponto de vista. Dizem que ela é temperamental. Um dos seus films lhe pediram que usasse pijamas. Justamente na epoca em que pijamas eram mais audaciosos que revista francesa... Betty recusou-se. Depois pediram que fumasse um cigarro, diante da camera. Betty recusou-se. Ou antes, quem recusou foi a mãe de Betty. Era ela, aliás, que agitava todas as questões, agia e tudo fazia em nome de Betty e, assim, antecipadamente indispunha a filha com os chefes. Foi depois de tudo isso que a Paramount permitiu que se desfizesse o contrato sem sequer falar em renova-lo. Quando se soube que a opção não seria renovada, comeu a mãe biliosa de Betty uma boa porção bolo de **mea culpa**. Disse, mesmo, que se quizesse, Betty fumaria até charutos e que quanto a pi-

Borden

mas, até com menos do que eles ela apareceria... Mas Betty já estava na lista negra... Foi para a M. G. M. e figurou em **Justiça Humana** (The Bellamy Trial) e tal vez conseguisse melhores oportunidades, lá, se não tivesse subitamente viajado para a Inglaterra. Correu a noticia de que se graduava um rapaz chamado Joe Pendergrast, em Oxford e, assim, fôra ela, rapidamente, assistir á colação de grau.

Quando regressou, incluíram-na no elenco de **The Singing Fool**, que Al Jolson ia fazer. Foi só. Jolson não a apreciou.

Agora, ouçamos o lado de Betty. Declara ela que não se sujeitou a fumar cigarros ou usar pijamas, porque não era esse tipo que tinha creado junto aos seus fans e, com isso, desagradal-os-ia.

Quanto á viagem, declarou que a fez apenas para se desfazer um pouco das intrigas de Hollywood, apesar de, com ela, estar incorrendo em alguma delas. Também não sabe a que atribuir Jolson não a ter apreciado, tanto mais que ela procurou ser a melhor possível, co-adjuvando-o. Diz que jamais foi temperamental.



diato do seu contrato. Madge, por sua vez, Bellamy conta outra historia. Diz que não é e nem nunca foi temperamental. E' verdade, declara, que nunca apreciou um só dos seus films. Sabia ela, segundo afirma, o valor das suas proprias qualidades e, por isso achava que em films de programa estavam aniquilando todos os seus grandes sonhos de bons films.

Prometeram-lhe o papel de Diane em **Setimo Céu**. Durante uma viagem que fez á Europa, fotografaram-na nos campos de batalha de outróra, em França, para prepara-la melhor para a publicidade. Voltou e encontrou Janet Gaynor interpretando o papel... Isto foi a sua maior ferida. Achou que indelicadeza fôra extrema. Continuou, entretanto, e fez aquilo que lhe mandava fazer o seu contrato. Um dia chamaram-na ao escritorio. Disseram-lhe, a seguir, o nome do seu proximo diretor.

— Mas não é possível que eu com ele trabalhe!

Defendeu-se ela.

— Ele foi assistente no meu set, já e tomou grande antipatia por mim. E' preciso, bem sabem disso, que haja um mutuo e grande entendimento entre a estrela e o diretor para que seja bom o film. Com ele eu sei que serei um fracasso, tanto mais que ele me odeia!

— E você não nos pôde dizer quem a tem que dirigir!

Respondeu o produtor.

— Se não lhe agrada, pôde deixar.

— Pois bem, eu prefiro sair!!!

Bronson

Bellamy BRONSON BORDEN

Vamos dar rapido descanso ao caso Betty Bronson.

Agora Madge Bellamy.

O produtor diz, também, que ela é temperamental. Que ela, depois de ter sido elevada á categoria de estrela, começou a ditar leis, recusor-se ao trabalho comum e não querer ser dirigida por certo diretor, tudo contra a vontade dos seus patrões. Este caso do diretor foi a principal causa do seu rompimento com a fabrica. Isto é: do cancelamento ime-

Respondeu Madge. Talvez fosse um recurso do produtor para fazer chegá-la a umacordo e ter o seu ordenado volumoso reduzido. Mas Madge mostrou imensamente desejosa de deixar, mesmo. Queriu certo tempo para estudar e refletir. Resolveu uma noite sobre o caso. No dia imediato foi ao Studio buscar o que era seu. Preferia deixar o emprego.

Isto ha dois anos passados.

No dia seguinte anunciaram os jornais, por parte da Fox, que ela os deixava por incompetencia para os

(Termina no fim do numero).



Rodolfa
Valentina...

MARLENE,
A
GRANDE
SENSAÇÃO,
A
MARAVILHA
DE
MARROCOS.

AS
O
AS
UAS
OSES
MAIS
CENTES...

AMY
JOLY..

"CADÊ"
GRETA
GARBO?



Aqui está alguma coisa sobre o hoje e o amanhã da televisão como divertimento. São os comentários feitos por David Sarnoff, presidente da Radio Pictures Corporation e, portanto, vêm vestidos com boa dose de bom senso e veracidade. CINEARTE foi a primeira revista, no Brasil que, há tempos, citou o Cinema falado e prognosticou o seu fantástico incremento. Dar-se-á, agora, o mesmo com a televisão que, nos Estados Unidos, presentemente, vem tendo um desenvolvimento prodigioso? Ouçamos as palavras que se seguem, ou melhor, leiamos-las com atenção e observação.

oOo

Em Hollywood, onde se construiu uma enorme indústria sobre os alicerces de uma arte fascinante e admirável; onde mulheres e homens lutam, da mesma forma do costume, revestidos, embora, de um lustre que só é possível num ambiente comercial artístico; onde o recente casamento da electricidade com o Cinema produziu o Cinema falado; aparece, agora, mais uma forma ainda imperfeita de diversão que talvez seja, mais breve, mesmo, do que se pensa, a maior de todas as invenções do mundo: a televisão.

Onde está a televisão? Quando estará apta a iniciar a invasão dos lares? Que proporções assumirá ela? Como serão organizadas as estações transmissoras da televisão? Quantas delas existirão? Que efeito terá ela sobre o Cinema, o rádio e a indústria em geral?

São estas as questões primordiais do novo invento.

Por enquanto, a televisão acha-se no berço. Fins de 1930 e princípios deste 1931 é que a estão melhorando um pouco. A Radio Corporation, entretanto, sempre ao lado dos grandes inventos, propôs-se incrementar a televisão entre os povos. Conseguirá?

ONDE ESTÁ A TELEVISÃO?

Ha um ano atrás, a televisão era objeto de conversações de engenheiros e um topico importante para polemicas tecnicas. Quanto a isto tem feito notaveis progressos, já. Hoje, a transmissão da imagem, pelo radio, é questão de melhoramento e não é mais tida como especulação.

E' preciso compreender, entretanto, que as atividades esporadicas nestes sentidos não têm sido ativadas como atualmente estão sendo. Foram experiencias moramente curiosas e quasi trabalho de amadores apenas.

O presente estado da televisão pode-se comparar, hoje, ao que era o radio, antigamente, quando se faziam as primeiras experiencias no sentido de se transmitirem, pelo espaço, os sons que aparelhos rudimentares e mais do que imperfeitos apanhavam de forma terrível de se ouvir. Parecia impossivel a radiofonia. Mas aí está, aperfeiçoadissima! Pois a televisão, nesse mesmo berço de onde partiram os inventos que hoje são portentos, ensaia os seus primeiros passos para a conquista do mundo. Temos a convicção de que será um fato, antes mesmo de o terem como tal os ultimos crençes, aquêles que só crêm quando vêem...



David Sarnoff, presidente da Radio Corporation

A FORMA E O PROGRESSO DA TELEVISÃO.

As transmissões de televisão, futuras, serão identicas ás de radio, hoje. O publico será, futuramente, o maior propagandista do novo

Agora, a Televisão

meio de divertir que se está desenvolvendo, hoje.

Quando chegar essa epoca, a televisão terá o desenvolvimento que hoje tem, aqui, um moderno aparelhamento de radio. A forma do presente transmissor de televisão e do presente receptor podem ser mais tarde motivos de pandegas e charges, mesmo, mas representam os antigos aparelhos de galena, no radio, quando nem sequer se sonhava com valvulas e altofalantes...

Quando a televisão chegar aos palcos e ás telas, transmitindo-as aos amadores, em seus lares, aí, então, a coisa será outra: será tido como coisa respeitavel e estações transmissoras serão criadas pelo país todo e pelo imenso Universo, também, espalhadas...

Em Camden, New Jersey, a R.C.A.-Victor está fazendo experiencias diarias e ensaios cada vez melhores para applicação futura de televisão como meio de diversão mais moderno existente em todo mundo. Assim que estive-

rem prontos os primeiros trabalhos de aperfeiçoamento, isto é, quando forem excluidos os naturais defeitos das primeiras experiencias e conseguir a televisão pôr em pratica aquilo que em teoria tem anunciado, a National Broadcasting Company já tem contrato para adotala para os seus freguezes, lançando-a de vez entre o povo americano para que, depois, conheça-a também o resto do mundo.

ESTAÇÕES TRANSMISSORAS DE TELEVISÃO

E' preciso, antes de mais nada, saber que experiencias varias e dispendiosissimas precisam ser feitas até final aperfeiçoamento do sistema. Até ao fim de 1932 a Radio Corporation of America terá feito instalações completas em varias estações transmissoras de radio, pelo país, dos aparelhamentos de televisão. Uma das estações já se está localizando no quinquagesimo andar do predio R.C.A., n.º 570, Avenida Lexington, New York. Outra será colocada em predio ainda mais alto, em New York, ainda. A altura, em materia de televisão, é um fator dominante, assim como o é em radiotelefonia. Ambas estas estações serão postas de forma a servir New York e varias localidades circumvizinhas.

Uma terceira estação será localizada na costa do Pacifico. Outras estações experimentais serão espalhadas pelo país todo.

A TELEVISÃO AUXILIARA A INDÚSTRIA DO RADIO.

A televisão exercerá efeito benefico sobre a presente industria de radio. Não haverá interferencia alguma entre as estações de Broadcasting de som e de luz. Serão serviços que se completarão e, separados, embora, juntos estarão, sempre, para atacar ouvidos e olhos, com lucros separados e sem este ferir o campo daquele. As Broadcasting de televisão operarão em ondas completamente diferentes das que favorecem as Broadcasting de radio. O aparelho de recepção da luz é completamente outro. Os sets de radio hoje empregados para som não servirão para luz e imagens. No sentido pratico do termo, a televisão transmitirá som e imagem, mas não tem absolutamente nada a ver com radio e seus anexos. Com o tempo, então, transmitir-se-á a televisão pelo mundo todo e todo aquêles que tiver um radio em sua casa, terá ao lado, o seu set para televisão. Os laboratorios R.C.A., para isso, estão em franca atividade e só cessarão, realmente, depois de haverem radicalmente conseguido o sucesso almejado.

A TELEVISÃO, NO LAR, NADA TEM A VER COM OS FILMS E OS TEATROS QUE OS EXIBAM.

A industria Cinematografica não precisa se alarmar com a televisão, absolutamente. A transmissão da imagem, pelo radio, ao contrario, virá beneficiar a industria Cinematografica, também. Será, mesmo, a arte mais estimulante para as outras artes que vai existir no mundo todo. Não haverá conflito algum entre a televisão, no lar e os films, nos Cinemas e teatros. Cada qual vive separado e tem fins (Termina no fim do numero).



Evelyn
Knapp





dinheiro... Aos agentes que arranjam contratos, então, pagam, durante um período combinado, cerca de 10% do dinheiro que recebem... Um corretor não tem nada disso no seu programa.

O gerente comercial, isto é, o que citamos, para arranjar contratos, apanha cerca de 10% *dollars* mensais, digamos. A secretária, para responder a correspondência privada e atender a entrevistas, horários para compromimentos,

NEIL

Neil Hamilton fêz esta comparação com o seu ordenado, e o de um corretor. Note-se que deve ser um bom e feliz corretor, porque, é lógico, há corretores que ganham menos do que um empregado da Limpeza Pública... Ouçamos a comparação, ou tes, leiamo-la.

—oOo—

Ha muita gloria apenas á qualidade de ser artista. preço que o artista tem a pagar pela distinção de o ser, tretanto, é terrivel... Sob o ponto de vista financeiro, tão, seria sempre melhor ser um corretor...

Que custará ser artista? Se perguntarmos a Neil Hamilton, por exemplo, êle nos dirá que custa muito...

Compreendam isto: Neil pouco se importa com o eco. O novo contrato que tem com a M.G.M. é alguma cousa que põe inveja nos olhos de muitos. Está êle, em disso, comprando uma casa proximo a Brentwood a mesma, pelo seu todo, representa alguma boa dezena de muitos *dollars*...

Assim foi que êle começou a comparação de um artista com um corretor.

— Antes de mais nada, um artista precisa de roupas. A menos que seja eternamente fotografado em paiz de Adão... Um corretor, por seu lado, empata poucas centenas de *dollars* com o seu guarda-roupa. Compra alguns pares de ternos, durante um ano e nada mais e custam, os mesmos, de que 75 ou 100 *dollars*, cada. Um artista, ao contrario, tem que ter ao menos doze ternos ao ano, e, os mesmos, logicamente custam-lhe mais. Um, por exemplo, pago 175 *dollars* para cada um dos seus ternos... Demais apetrechos de traje, como sejam, calças, cuecas, gravatas, meias, etc., valem-me cerca de 60 *dollars* mensais:

De fato: quem prestará atenção ás meias de um corretor ou á sua camisa? Sua esposa, talvez. Mas um artista... Tem o decreto da impecabilidade sobre sua cabeça, sempre!

O artista tem que ser visto nos melhores lugares. Precisa pertencer a clubes praianos, a clubes de *golf*, a clubes sociais. Precisa ir a festas e dar festas. Tem que presenciar primeiras de novos films e tem que sorrir aos produtores. Custa-lhe 5 *dollars* o bilhete que lhe dará direito a êsse sorriso que acabamos de citar...

A namorada, noiva ou esposa do corretor, contenta-se com rosas ou cravos. A amante ou a esposa do artista sempre espera orquídeas...

Para ir ás primeiras de films, ou ás festas dos clubes praianos, é preciso que o artista tenha o seu automovel. Pode virar um carro de preço médio, de segunda mão? Pode



HAMILTON

etc., excessos de atenção que um artista não pode ter, além do seu trabalho, custa mais ou menos, 175 *dollars* mensais...

Tudo isto vae para o preço da gloria...

E o lar de um artista? Pode êle residir num modesto apartamento ou numa modesta casa de arrabalde? Não pode. Tem obrigações para com o público. Está sempre numa redoma de vidro, em constante exposição. A sua casa deve sempre estar á altura do seu renome.

Acrescente-se, á tudo isto, festivais de caridade, presentes para ani-

um corretor andar num calhambéque dêsses, naturalmente, mas o artista não tem êsse direito. O sr. Público quer respeito e exige admirar aquilo que sonha. Que diria êsse mesmo público se visse Norma Shearer e Neil Hamilton em Fords?... O artista precisa de Cadillac para cima!

Precisa um corretor de um agente de publicidade que lhe custe cerca de 150 *dollars* por mês? Não precisa! Mas o artista tem necessidade de cuidar do seu prestigio pessoal. Quando falha a publicidade do Studio, que ás vezes se volta toda para êste ou aquêlê astro, tem êle a sua particular que, por isso mesmo, lhe vale



versários, presentes para Natal ou Ano Novo e casamentos, e, ainda, mais uma série de outros tantos casos assim. Para caridades, então, ele não pode nunca dar uma importância pequena. Tem que ser uma média que condiga com o seu vencimento. Para não parecer ridículo ao público... Qual o lucro?

A Gloria!!!

A Gloria...

Neil Hamilton cita os exemplos recentes de falências como as de Sally O'Neill e Molly O'Day, que, não mais aguentando a apresentação que sempre precisaram sustentar, dos tempos em que eram estrelas e não mais podendo ganhar aquilo que ganhavam, se viram engolfadas pelas dívidas e, assim, o único recurso foi a falência... Dustin Farnum, também, que chegou a ter o fabuloso salário de 10.000 *dollars* semanais. Larry Seamon, que teve que morrer na mais radical miséria. Francis X.

lências... Um dos grandes defeitos do artista, em contraste com o corretor, é a mania do próprio "eu". Também sinto isso... Se eu não a sentisse, aliás, reconheço, jamais me teria feito artista. É um apenso à arte. Os artistas crêem nas notas de publicidade. Consideramo-nos grandes, poderosos e pensamos, sem refletir muito, que como fizemos 10 ou 20 mil *dollars* em poucas semanas, podemos indefinidamente estar repetindo a façanha... Vivemos apenas dos



Financista...

Bushman, o exemplo vivo da bancarrota financeira a provocar a moral, também Dorothy Davenport, viúva de Wallace Reid e que tem lutado tremendamente para sustentar-se e ao filho, depois da morte do marido e embora esse tivesse deixado alguma coisa.

A herança de Valentino, por exemplo, dívidas pagas, e que deu aos que ficaram?... Bem pouco para aquilo que esperavam que desse... Os exemplos vêm em legiões, se os quisermos citar. O caso de Charles Ray é típico, se bem que a este se acrescente o fato de ter ele empregado parte de sua fortuna total em uma produção que resultou inútil, o tal *The Courtship of Miles Standish*.

Termina Neil Hamilton, com estas afirmações:

— O corretor, geralmente, sai de um simples emprego de escritório para uma posição de evidência. O seu progresso é substancial e seguro. Um artista, nove casos em dez, faz um progresso do zero ao todo. Isto é: do mais baixo ao mais alto. Geralmente não conhece nada sobre o valor do dinheiro e, também, sobre a melhor maneira de o empregar. Torna-se "novo rico", sem querer. E por isso que ainda mais aumentam as fa-

sonhos de glória que colhemos. Quando, mais tarde, nos sentimos sem dinheiro e sem emprego, vemos, tarde, que a nossa grandeza se resumiu naqueles artigos de publicidade, mesmo... Mas é tarde!

Apezar disto, entretanto, diga-se de passagem, Neil ama extraordinariamente a sua arte. Diz que a mesma é um estigma do qual não se livra aquele que o tem.

— O corretor não tem emoções. Se querem compreender o que é o romance e a aventura, basta o meu caso. Há oito anos eu recebia apenas 30 *dollars* por semana, na companhia Ford, em Highland Park, Michigan. Entre sessenta e cinco homens, era eu o único que falava um razoável inglês. Subi, até aqui onde me acho e sinto-me infeliz, apesar de tudo, com meus pezaros. Tendo método, entretanto, acho que um artista jamais falhará na vitória financeira, aliada à artística. Para terminar, damos o quadro comparativo que ele nos forneceu e que é um bom exemplo para aquele que quiser comparar os gastos do corretor com os do artista.



O CORRETOR

	<i>dollars</i>
Salários anuais	17,500
Roupas	300
Aluguel	1,200
Casa e desp.	3,000
Carro	2,000
Esmolas	500
Comissões	—
Secretaria	—
Publicista	—
Empresário	—
Publicidade	—

Total 7,000

Lucros 10,500

O ARTISTA

	<i>dollars</i>
Salários anuais	35,0
Roupas	1,500
Aluguel	3,000
Casa e desp.	9,500
Carro	5,000
Esmolas	2,500
Comissões	3,500
Secretaria	2,100
Publicista	1,800
Empresário	1,200
Publicidade	1,500

Total 31,6

Lucros 3,4



E' inutil estar aqui contando ou dizendo como é que se faziam, nos Estados Unidos, durante a guerra de seceção e principalmente durante o periodo colonizador, as travessias pelos desertos, até á California doirada. Já sabem todos que eram com caravanas massivas, verdadeiros trens puxados a animais vigorosos e que, enfrentando perigos maiores e cometendo audacias deslumbrantes, chegavam ao destino, embora parte lizimadas pelos indios e parte pelos sofrimentos fisicos, procurando, entretanto, a felicidade numa terra de mais futuro.

Este tema aborda justamente mais um desses casos. O caso de Clint Belmet que ama Felice e se acham, ambos numa dessas caravanas de valentissimos lutadores que tudo passam em prol de uma vida futura melhor e mais promissôra.

Encontrámo-nos, antes, com três personagens principais de uma caravana que se está organizando para atravessar os desertos para a California. São Clint Belmet, Bill Jackson e Jack Bridger.

O nosso primeiro encontro com Clint Belmet não é em condições favoraveis á ele. Tendo armado uma desordem pavorosa num

bar, vê-se cercado de homens armados e sob ordem de prisão do "sheriff" da localidade. A chegada de Bill e Jack é que o põe a salvo. Jack, arguto como um mono, toma a defesa do rapaz amigo quando vêm que eles o querem dali expulsar. Conta uma historia muito longa e termina dizendo, quasi em lagrimas, que aquilo era despedida de solteiro, para Clint, porque ele se casará nessa mesma tarde e ali apenas estava se encorajando para ir dar o primeiro beijo na pequena. E termina, em voz arrebatada e dramatica.

— Tem, senhor "sheriff", coragem suficiente para prender um jovem que ama, furiosamente e acaba de se casar?

Sensível, bondoso, o "sheriff" concorda com a retorica de



Jack. Os que ha pouco o atacavam, tambem concordam e, embora Clint seja o primeiro a saber que especie de casamento é, ponta-pés e caneladas de Jack e Bill fazem-no compreender a argucia do plano que o põe a salvo.

Na saída do bar, quando todos estavam absolutamente alegres, mas queriam, a todo transe, ver a esposa de Clint, Bill achou a saída mais razoavel e inteligente possivel para aquilo.

Encontrou-se ele, na curva da estrada, com Felice, uma pequena de beleza rara e que, sózinha, propunha-se atravessar o deserto e sofrer tudo para estar ao lado daqueles que iam empreender a caminhada. Bill convenceu-a de que era inutil tentar a travessia, principalmente sózinha como estava. Caso quizesse mesmo ir, entretanto, dissésse que era esposa de Clint Belmet e, as-

OS



(FIGHTING CARAVANS) — FILM PARAMOUNT — PRODUÇÃO 1931

ELENCO:

GARY COOPER	Clint Belmet
LILY DAMITA	Felice
Ernest Torrence	Bill Jackson
Tully Marshall	Jim Bridger
Fred Kohler	Lee Murdock
Eugene Pallette	Seth
Roy Stewart	Couch
Mary Boley	Jane
Eve Southern	Faith
Frank Campeau	Jeff Moffitt
Charles Winninger	Sheriff
Frank Hagney	O renegado
Diretores: — OTTO BROWER & DAVID BURTON	

poderia ir. Explica-lhe, além disso, as razões que levam Clint a precisar muito de sua esposa, naquele momento...

Nesse momento chegam os expedicionários, fazem grande alarido. Com espanto enorme Clint, aproxima-se dele a esposa que o ama. Confirmada a notícia de Jim, o espanto dele próprio, voltam todos às suas casas e fica Clint ao lado de Felice e seus amigos. Bill é que rompe o silêncio, exultando, satisfeito:

- Nem em Omaha eu vi artista alguma como você...

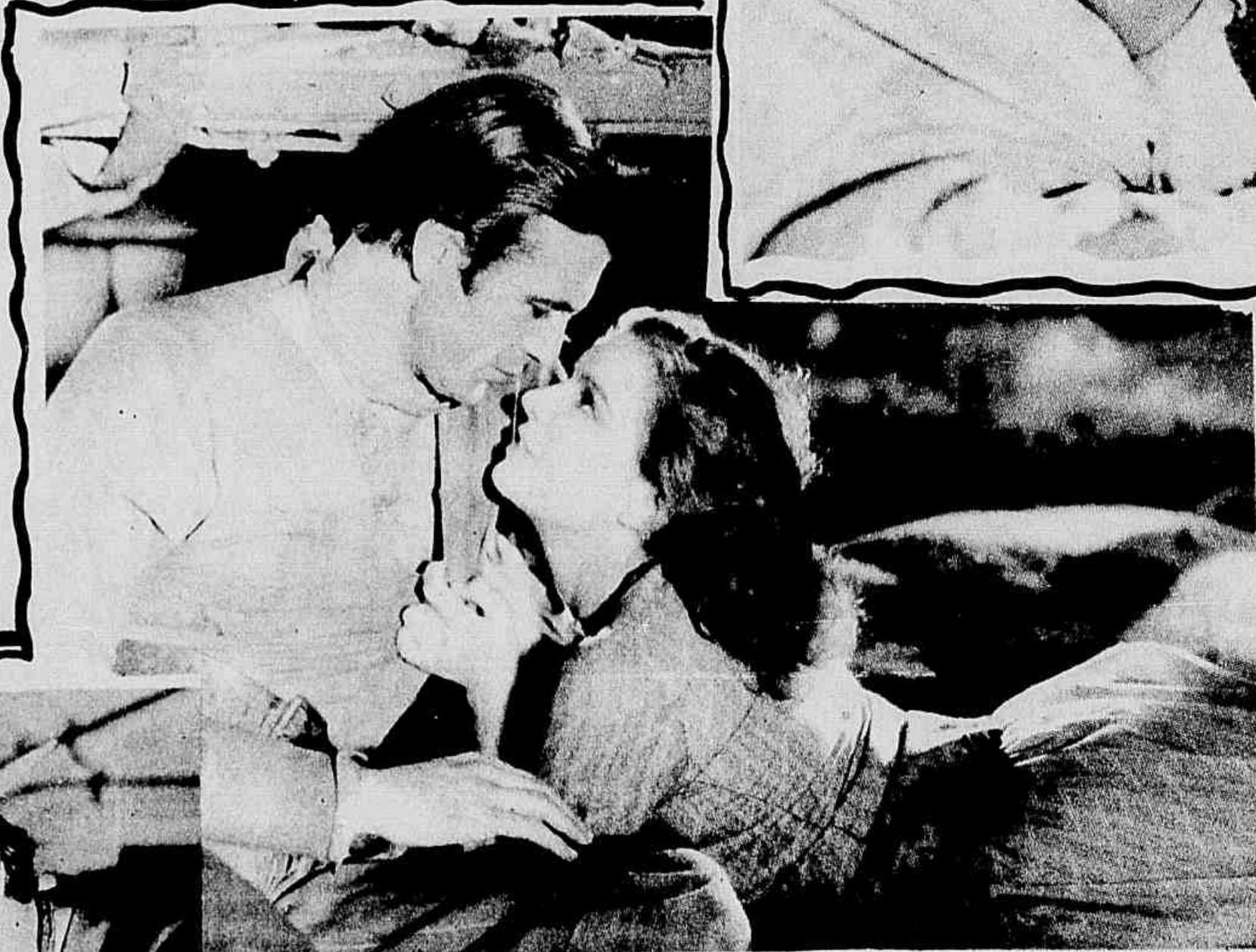
Durante os primeiros passos da caravana,

dadeira esposa. Assim segue a caravana, pelos desertos até que chega o fatal ataque dos índios. Nêle, com resistência desesperada, perdem as vidas Jack e Bill. Clint, Belmet, já seguro do amor de Felice, vendo-a possivelmente nas mãos dos atacantes, toma a última resolução. Arremessa um carro em chamas contra os mesmos e, com êle fazendo barreira de fogo ao ataque, livra a expedição do mesmo e afugena

COLONIZADORES

DE CIVILIZADORES

deserto, Felice descobre a afirmativa de Bill fora de casa. Qualquer movimento que pulsos tivesse para controlar os animais de uma caravana, poderia seguir sem problemas em sua companhia, se os quizesse. Assim, nada com aquilo, e pensando que se tratasse de alastragem do genio



ta os índios. Salva a expedição, proseguem eles com pleno êxito para Sacramento, embora chorando as vidas perdidas.



oração ardente de Clint, torna-se inútil, embora, intimamente, mais o ama, mesmo, do que si já fosse sua ver-



ne não desclassificou o telegrafo; o radio não desclassificou o cabo; a lampada incandescente não tirou a função da vela: vendem-se, hoje em dia, muito mais velas do que se vendiam antigamente, quando elas eram a única iluminação existente... A televisão, no lar, não desclassificará o Cinema e nem o teatro. O homem é uma criatura exquisita. Sempre quer mais e mais. Mas nunca deixa um velho habito só pela entrada de um costume novo.

A TELEVISÃO ALARGARÁ PRODIGIOSAMENTE O CAMPO DAS ARTES

Consideremos, agora, a equação que a televisão virá beneficiar. Em primeiro, os criadores: os autores, os escritores, os compositores que se verão ocupados com a nova arte de representar, escrever e falar para as transmissões de imagens e sons. Em seguida os interpretes, ar-

(Termina no fim do numero).

Em Sacramento, também, depois das últimas resistências amorosas que a exquisita e apaixonada Felice lhe move. Clint tem-na nos braços e aí casam-se a valer e pela vida toda, unindo as almas no maior e mais formidável de todos os beijos.

Agora, a Televisão

(F I M)

distintos. A historia de qualquer coisa, no mundo, conta e bem claro, mesmo, que a criação de um serviço para o público não importa, jamais, no fechamento de outro que igualmente beneficia esse mesmo público. Os exemplos que colaboram com isto são inumeros: o telefo-

Cópia do Relatório apresentado ao Departamento Técnico em 16 de Maio de 1931

Conforme o programa para 1931, foi efetuada a filmagem de "O Aventureiro", apresentado pela A. B. C. Filmado nos locais escolhidos de acordo com a Locação a car-

go de Isaltino Lopes; este, como suplente do Departamento Técnico, exigiu o aumento do barracão que aparece nas primeiras cenas, por não ter o mesmo uma porta necessária ao cenário.

Dado por findo o serviço de locação e letreiros, foram chamados ao "set" os seguintes amadores: Cesar Pais Leme, Macilio Monteiro, Ercilia Dias, Poloux Coelho, Isaltino Lopes, Inaiá Miranda, Castor Coelho, Geraldo Pacobaiba, Jaime Lynch e outros. Com a presença dos amadores acima, a filmagem foi iniciada, sob a direção de Pais Leme, que tomou um lugar secundário no filme às 14 horas e meia, apesar de todos os esforços empregados para se começar mais cedo.

Às 15 horas e três quartos a filmagem foi interrompida para descanso. Às 16 horas recomeçou. Pais Leme foi obrigado a acelerar as cenas por já estar faltando luz. As últimas cenas foram apanhadas com o sol escondido, às 17 horas e 30 minutos.

Depois de restabelecidas as toilettes e abandonada a indumentária de cena, os amadores seguiram imediatamente para a estação, embarcando às 18 horas, rumo ao Rio. Durante a espera do trem, foi servido um jantar aos amadores.

Entre os amadores não há nomes a destacar, pois todos demonstraram o que se pôde desejar da sua boa vontade e dedicação pelo êxito da produção.

Quanto ao desempenho, por ser a primeira vez que pisam no "set", nada direi, a não ser que todos prometem. Pais Leme dirigiu sem liberdade, por acumular duas funções. Isaltino Lopes, na falta dos amadores escalados para trabalharem com os letreiros, viu-se também acumulado com funções em duplicata. Castor Coelho operou sem rebatedores, abrindo o diafragma e fazendo o possível. Seu auxiliar saiu de casa mas não apareceu no Studio.

Apesar dos obstáculos encontrados na ocasião da filmagem, não houve cenas mal fotografadas por falta de luz. Todas estão perfeitamente aceitáveis. Com o emprego do filtro ambar e dos rebatedores teriam saído ótimas.

Foram utilizados oito chassis e cortados três metros de filme, aproximadamente. O diretor técnico co-



Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

tejou o filme como fez aos já filmados do natural, classificando-o de **Mau**, com relevância da falta de auxiliares e do material indispensável.

Representante

(ass.) Augusto Rouband Jr.

NOTAS

O filme "As Férias de Durval" será filmado com todo o material necessário, já tendo sido providenciada a construção de rebatedores, prancha para letreiros, e a compra de um Padrão Soemecken. A A. B. C. espera com estas aquisições produzir o seu segundo filme antes de Agosto.

Apesar das falhas verificadas em "O Aventureiro", pela falta de material necessário à filmagem, a Diretoria da A. B. C. resolveu projetá-lo por ocasião do seu festival de inauguração da sede do Club. Nos dias 6 e 7 de Junho, realizou-se pois a projeção de "O Aventureiro" como complemento de programa, e demonstração das possibilidades de vencer o Cinema de Amadores do Brasil.

Foram convidados a comparecer à Secretaria da A. B. C. para efeito de inscrição os seguintes Srs: Coriolando Lemos Laffaylle, Custodio Beiral, Pedro Faria da Veiga Schrago, Elio Albano, Nelson Medanha e Claudionor Bittencourt.

Foi entregue ao Departamento Técnico da A. B. C. o filme virgem que irá servir durante o início da filmagem de "As Férias de Durval". A direção ficará a cargo de Pais Leme.

A Amadores Brasileiros Cinematográficos, com sede à rua da Republica n.º 22, em Quintino Bocaiuva, Distrito Federal, por intermédio desta secção e obséquio, fez ciência aos nossos colegas que o Expediente não será diariamente e sim às Segundas, Quartas e Sextas-feiras, das 19 às 21 horas, reservando-se os Domingos e feriados para as filmagens.

O Filme "O Aventureiro", a primeira produção com enredo da A. B. C., acha-se na sede da mesma às Quartas-feiras, à disposição de amadores e interessados que o queiram assistir, das 19 às 21 horas.

Às 20 e meia horas do dia 2 de Julho, quinta-feira, realizou-se no salão de exibição do Cinédia Studio à rua Abílio 26, uma exibição de filmes Pathé 9,5 para amadores em bobinas de 100 metros, oferecida pela secção dos amadores, e em nome dos amadores, a todos os profissionais e amigos da Cinédia.

Ao contrário do que a nossa modestia de simples apologistas do Amadorismo esperava, a demonstração especial para um grupo de profissionais resultou num sucesso completo, tendo principalmente agradado os filmes antigos, reproduções das grandes películas americanas de 10 e mais anos atrás, com as estrelas e os astros do passado, os quais trazem o sabor da recordação.

Estiveram presentes, além de Carmen Violeta e Ruth Gentil, estrelas da Cinédia, Ademar Gonzaga, Gilberto Souto, Otavio Mendes, o diretor de "Mulher", o film que está em vias de ser lançado, Umberto Mauro, Paulo Morano e Carlos Eugenio, astros da Cinédia, e diversas outras pessoas que deram a honra do seu comparecimento.

Foram exibidos filmes com o gênio mundial que é o grande Carlito, com Harold Lloyd, Charles Chase, Harry Pollard e Marie Mosquini, Bebe Daniels, Gloria Swanson, William Hart, Edna Markey, Norma Talmadge, Eric Von Stroheim, Kate Lester, e vários outros.

Terminada a sessão à 1 hora da madrugada, os presentes expressaram o seu deleite pela exibição, tendo o nosso amigo e colega Otavio Mendes qualificado esse gênero do Amadorismo como o verdadeiro Museu Cinematográfico para o "fan".

São de Ademar Gonzaga as seguintes palavras:

"Esplendido para recordar os velhos tempos do Cinema!"

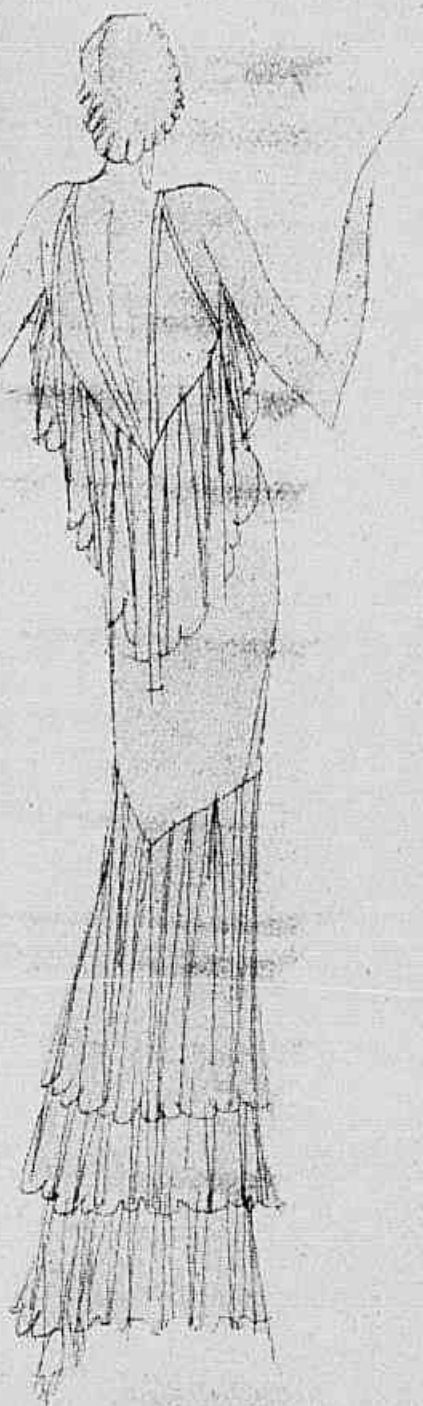


Pijamas de setim negro com cinto de perolas. Sapatos de setim da mesma cor. Pijamas, muito em voga atualmente, para jantar. Modelo Chamel para Barbara Weeks.



Um belo modelo de Russell Pettersson para Irene Dunne. (Esperem Cimarón).

As cores? Escolham as suas favoritas.



Loís
Mílson



Jean Harlow



Fay
Wray

A TELA EM REVISTA

NOITES VIENENSES — (Viennese Nights) — Film da Warner Bros. — Produção de 1930.

Diversão intermediária: entre o bom e o regular.

O lado regular de *Noites Vieneses*, jaz, todo êle, na teatralidade do assunto, todo como aliás o letreiro inicial não oculta, levado para o verídico terreno da ópera legítima. Isto tira muita da poesia que poderia ter, se Alan Crosland tratasse o assunto a sério, como Cinema e aproveitasse do argumento de Oscar Hammerstein II e da música de Sigmund Romberg, apenas o que de românticos ambos têm e, com este ingrediente poderoso, houvesse feito um film. Mas preferiu seguir o libreto e apresentar uma *peça-musicada*.

O lado bom de *Noites Vieneses*, é a sua fotografia, lindíssima, algumas de suas melodias, também delicadíssimas, particularmente a valsa que Alexander Gray e Vivienne Segal cantam, cada qual em trechos diferentes e juntos, depois. E a simponia feliz que Romberg compôs e uma esplendida orquestra simfônica executa. Também as suas montagens pomposas e o seu caráter luxuoso de super-produção que não o consegue ser, apenas pelo que acima expusmos.

Fatores intermediários, bons uns e regulares outros, também, temos os bons desempenhos de Jean Hersholt e Vivienne Segal. A beleza delicada de certos trechos, como aquêle de Alexander Gray tocando para o filho, sentado sobre o piano e o outro no teatro, quando anos depois, Elsa e Oto tornam a se encontrar.

Trechos falsos, o final, muito artificial e pouco convincente, os sofríveis desempenhos de Walter Pidgeon, Louise Fazenda e Bert Roach e o mau desempenho de Alexander Gray, positivamente o lado contrário do bom artista... Alice Day tem um pequeno desempenho como neta de Elsa.

Alan Crosland maneja o assunto com felicidade, às vezes e, noutras, com extrema dureza. Não foi uniforme. Se tivesse feito um film, repetimos, teria conseguido um grande film. Mas fez uma opereta. E' tudo...

Como complemento, *Amor, Amor, a Quanto obrigas*, um regular desenho sincronizado da Warner, também.

Cotação: — BOM.

TRADER HORN — (Trader Horn) — Film da M.G.M. — Produção de 1930.

Genuína diversão, tem aventuras sobre aventuras, curiosidades mil e, além disso, uma direção cuidada e uma fotografia admirável em certos trechos.

Como Cinema genuíno, é lógico, não tem maior valor do que o comum nos films d'este

"Noites Vieneses" é uma opereta. Tem boa musica e quasi nenhum Cinema.



CINEARTE

genero. Mas considerando-se o seu efeito sobre o público, é um bom film, inegavelmente.

A historia é uma narrativa inteligente feita de maneira a mostrar exquisites africanas dentro de uma forma razoável de Cinema e utilizando três personagens principais e um negro curioso para completar o agrado geral do film. Assim, Harry Carey, personificando o mercador Horn, Duncan Renaldo o seu companheiro Perú, Edwina Booth a filha da missionaria encontrada pelos dois acima em estado de absoluta selvageria e Mutia Omolu, o guia negro, conduzem a historia pelos sertões africanos, pelos *trucs* de Studio, pelas "duplas impressões" de certos trechos e pela aventura toda, sem que o espectador perceba que está assistindo apenas a um film natural e aliviando esta impressão com a historia que se desenrola entre as tribus selvagens. A cena da noite que os dois brancos e o negro passam naquela palhoça á espera da alvorada, acompanhada pelos batuques continuos dos negros e pelos gritos dos prisioneiros, é interessante, curiosa, enervante e boa. Ha, ainda, outros muitos trechos de valor e o romance de Edwina Booth e Duncan Renaldo, apesar de ser, todo êle, absolutamente falso e até bastante forçado, tem momentos curiosos e interessantes, bem mostrados pela intelligencia de W. S. Van Dyke.

Harry Carey, é o maior vulto do film. Nem mesmo os leões, as hienas, os elefantes e os crocodilos o conseguem suplantam em interpretação... E' o mesmo grande, formidável artista dos outros tempos, um dos mais sinceros, mesmo, que já vimos pelo Cinema mundial todo.

Só êle aumenta de 60% o valor do film. A cena da morte do negro e o seu encontro com o cadaver de Olive Golden, a missionaria heroica, são duas magistrais provas do seu talento como artista.

Ha paisagens lindíssimas e, todas cortadas na sábia maneira que sempre distingue os trabalhos de Van Dyke.

A novela de Emelreda Lewis tem adaptação de Dale Van Every e John Thomas Neville. A continuidade foi escrita por Richard L. Schayer e Clyde De Vinna mostrou-se o mesmo notável operador de sempre.

Os aposentos de selva são curiosos e alguns provocadores de emoção em qualquer plateia, principalmente nas em que não estão acostumadas com os films de séries.

Podem ver, apreciadores ou não do genero, porque o film tem varios ingredientes que o tornam bastante interessante.

Cotação: — BOM.

MARROCOS — (Morocco) — Film da Paramount — Produção 1930.

Cenas admiráveis ao lado de cenas fracas. Sequencias brilhantes junto a sequencias convencionais. Direção instável, em geral e visivelmente desambientada. Cenário vulgar, quasi todo, apenas aqui e ali com côres características a Jules Furthman, seu autor. *Marrocos* não é o deslumbramento que todos esperavam. E' apenas um bom film. O inicio, todo, é bom. Depois da prisão de Gary Cooper, logo, depois daquela sequencia esplendida, entre ambos, na casa dela, o film cai para o convencional e levantando-se aqui, caindo ali, segue até ao final que é feliz e infeliz a um só tempo. A sequencia em que Marlene atira a *champagne* ao espelho, parece-nos, foi posta em trecho errado pelo editor desta versão que vimos. Ela devia vir naturalmente depois do *fade out* de Gary Cooper escrevendo no espelho e nunca na-



Edwina Booth é a fascinação de "Trader Horn", e deixa a plateia, admirada com o "permanente" que se consegue nos institutos de beleza dos sertões africanos.

quêle momento em que veio. A despedida dela não é logica estar ali, como está. Ele escreveu, no espelho, que mudara de idéa porque ela havia combinado com êle fugirem para a Europa, desertando êle. Como iria ela á partida dele, para o deserto, no carro de Menjou, si ainda nem sequer havia lido o que êle deixára no espelho escrito?... Reparem.

Josef Von Sternberg é um genio e já o provou com varios trabalhos de renome, primeiro dos quais *Paixão e Sangue*. Amy Jolly, o argumento de Benno Vigny, entretanto, não é o assunto para o seu temperamento. Tem momentos nos quais êle se revela esplendido e o Von Sternberg que todos conhecemos, sem duvida, mas normalmente está fraco. O ritmo e o compasso usuais aos seus films não estão conservados com os sucessos anteriores.

Von Sternberg, achamos, é para cousa mais bruta, mais forte. Cousas a la *Dócas de New York*. E', *Marrocos*, um film muito desigual e com sequencias mais do genero de Clarence Brown.

Marle Dietrich, em torno da qual tanta polemica, tanto elogio e tanta censura tem girado, só ela vale qualquer sacrificio para assistir o film. Que mulher! Não a comparamos a Greta Garbo ou a qualquer outra, mesmo. Sobre-lhe fascinação! E' ela mesma e dispensa, sem duvida, qualquer comparação. Tem muita personalidade. Ser comparada com ela é que deve ser elogio para qualquer outra. Seu rosto, principalmente, é dos mais angulosos e fotogenicos que já vimos e dos mais expressivos, também. Seus dois olhos admiráveis são a cousa mais sensual e mais sedutora que já temos contemplado. Além disso é esplendida artista e vale, sem duvida, a esplendida reclamação que a precedeu. Ela venceu, definitivamente.

A cena do *cabaret*, quando vende as mãs, esplendida. A seguinte, em sua casa, depois do detalhe exitante da chave, outra maravilha de direção e interpretação. Pena que o film não fosse todo como êsses dois trechos. Também gostamos da cena em que se parte o colar quando ela vái, violentamente, em direção á porta, ouvindo os tambores dos legionarios que se aproximam.

Gary Cooper é um dos motivos de agrado do film. Está esplendido e melhorou sensivelmente sob a direção de Von Sternberg.

(Termina no fim do número).



Mond
Rizzo

"Eu não represento para os "entendidos", os "snobs"; faço meus films para o povo.

CHARLIE CHAPLIN

Robert Jarville faz, no "Paris Films", a seguinte defesa de Carlito, particularmente no caso de plagio, acusante *monsieur* Jean Sarment. Ouçamo-lo.

—oOoOo—

Não é questão de defender Carlito. Sua obra e o exemplo da sua vida particular seriam suficientes. Não é logico deixar, entretanto, que "adversarios" seus desnaturem — a favor de ataques cujos interesses pessoais ainda estão por provar — a significação dessa obra e, especialmente, *Luzes da Cidade*, o film a proposito do qual instaurou-se uma polémica retardataria.

Um cavalheiro de letras, *monsieur* Jean Sarment, acusa Charlie Chaplin; formalmente, de ter, neste seu ultimo film, plagiado uma de suas produções teatrais intitulada *Les Plus Beaux Yeux do Monde*.

Argúe, o autor, que o movito da sua peça é a historia de um homem antes rico e depois pobre que é amado por uma jovem céga.

Do outro lado, o film de Carlito apresenta a personagem de uma jovem céga que ama o miseravel e infeliz vagabundo, crendo reconhece-lo, quando recupera a vista, na rica figura de um rapaz elegante.

Foi o suficiente para que M. Jean Sarment, ao correr de uma epistola a Charlie Chaplin, aça-se de seu dever escrever:

— "Vê-se facilmente, que a idéa basica e diretriz do vosso film é a de *Plus Beaux Yeux do Monde*.

E, mais adiante:



A originalidade

— "Fundamento-me, assim, para a revindicação da idéa basica e inicial e que é, mesmo a *comédia sentimental* (sic) que vosso film desenvolve."

Evidentemente M. Jean Sarment e os outros cavalheiros letrados que ele mobilizou, constituem essa Europa "que Carlito não compreendeu".

Eles viram *Luzes da Cidade* num relance superficial, incapazes de penetrarem até ao âmago do tema do film que é, em verdade, o drama do povo em conflito com as forças do dinheiro.

Carlito avisa-nos da intenção do film, já, quando aparece, famelicamente, nos braços de uma estatua que representa a "prosperidade" e que se inaugura a grande acompanhamento de discursos e orquestra.

A céguinha, que sã tudo veria, representa a boa obra que está por terminar, mas pela qual a sociedade que combate Carlito nada fará.

Faz-se necessario que o infeliz fuja e roube para conseguir o dinheiro que pague a operação.

Essa sociedade, então, aparece luminosamente na pessoa de um milionario que apenas o reconhece quando está embriagado: de posse de seu perfeito juizo expulsa-o de casa, apesar de ter o pobre salvo sua propria vida.

Os ricos e os pobres têm interesses opostos: são irreconciliaveis; eis o verdadeiro tema. A céguinha é o simbolo da felicidade á qual o pobre não tem direito.

M. Sarment e seus amigos nada mais viram além da historia sentimental de um homem. Ela dissimulou, para os mesmos, o dra-

ma todo de uma humanidade inteira.

E' facil criar ao plagiado, sim, mas o que constitue tema, em *Les Plus Beaux Yeux do Monde*, não é mais do que um acessorio, em *Luzes da Cidade*.

O fato é que M. Sarment e os senhores da sociedade de Autores ameaçaram Carlito de um processo: havia, para isso, o tal "ponto de partida" que era necessario a tais casos.

Isto é, neste caso, um verdadeiro concurso de plagios que se organizaria diante do publico já afeito a todas essas puerilidades.

Com efeito, usando os processos iguais aos de M. Sarment, verifica-se que a situação da qual ele tirou o motivo da sua peça, vem da novela *Voile du Bonheur*, escrita em 1901, por Georges Clemenceau, que, por sua vez, naquêles tempos, plagiara *The Beauty Stone* (1898), de dois autores ingleses, J. Comyns Carr e sir Arthur Sullivan, plagiadores, também, por suas vezes, de *L'Homme qui Rit*, de Vitor Hugo. Isto sem procurar outros autores que querendo publicidade gratuita a sombra de Carlito, acusaram-no, também, de plagiar.

As idéas andam espalhadas pelo ar: catam-nas as antenas humanas. Reproduzem-se infinitamente as situações, na vida: dão-lhes, os varios autores, modos, desenvolvimentos, conclusões e tratamentos diversos e apropriados, todos, aos respetivos temperamentos dos autores. Ninguém plagia. Não se plagia, pela mesma razão que se não plagia quando se ocupa um logar vago, num *restaurant* quando um freguês qualquer termina a sua refeição e sai. Melhor pensando, ainda, verifica-se que de-

pois da sua criação, o homem, na verdade, nada mais tem feito do que plagiar

Isto tudo não é sério.

Ainda: não pôde existir um conflito "Jean Sarment — Charlie Chaplin". Rir-se-ia a morrer, o mundo, se o Monte Valeriano desafiasse o Himalaia para um duélio...

Ha outra cousa ainda mais grave: êsses ataques são posteriores á entrevista que Carlito concedeu á um redator do *Daily Express* e no curso da qual declarou o grande artista, exprimindo corajosamente a sua opinião sobre a Europa "oficial", aquela que viu ao correr das suas viagens:

— "O patriotismo é uma forma de loucura que está atacando o mundo todo e da qual ele parece sempre ter sofrido."

— "Nestes ultimos meses percorri toda a Europa: reina por todos os cantos um *chauvinismo* insensato."

— "Qual será o resultado? Uma outra guerra."

— "Espero que os primeiros a se alistarem a irem para o *front*, desta vez, sejam os velhos; eles são os verdadeiros criminosos culpados pelo estado da Europa atual."

— "Que provincialismo absurdo o da Europa, da America, de Londres, de Paris!..."

— "... Conheço a minha historia: sei que o rei termina, quasi sempre, bôbo do bôbo da sua côrte... ser *clown* não desmerece ninguém: não vêm eles logo após aos reis?..."

— "Em muitos casos o bufão substitue um monarca, no trono..."

— "A Europa não me compreendeu..."

Não, realmente. A Europa que se mostrou a Charlie Chaplin não o compreendeu, na verdade e não foi capaz, mesmo, de entender a lição de humanidade que ele não cessa de dar ao mundo. Mas é o homem do Povo, aquêl que a Europa anonima sempre entendeu. Isto lhe basta.

E' bem a Europa oficial que responde a Carlito pela pena de M. Sarment dirigindo-se ao "novo cavalheiro da Legião de Honra". Dessa Legião de Honra cujas honras alguns o censuraram de haver — ele, situado acima destas miseraveis vaidades — aceito. Dessa Legião de Honra á qual acharam que era um escandalo pertencer um *clown*...

Tudo se contraria.

Em primeiro, que a aceitação de Carlito tornou-se *obrigatoria* pela necessidade *comercial* do Cinema.

de CARLITO

Em segundo, que si em realidade ha al-

guem que se deva honrar com a circunstancia, deve ser a propria Legião cuja unica e inutil finalidade é recompensar bravuras e serviços alheios.

Tambem quando um jornalista como M. Liausu, espanta-se com a "atitude de Charlie Chaplin", que, "coberto de honras (sic) "não" encontrou, ainda, tempo para se avistar com alguns dos *eminentes espiritos* da França que fizeram a sua verdadeira fama." Orna-se, este, perfeitamente nas orelhas de um certo "Chevalier Hanneton" que assim se disfarça na *Nouvelles Littéraires*, e que censura a Carlito, também, por se ter tornado *orgulhoso*, por ter aceito a caçada com o Duque de Westminster e, afinal, por não "ter convidado, para a sua mesa, os escritores franceses, de Lucien Fabre a Arnoux, os primeiros a revelarem-no ao *mundo intelectual*". Como, ainda, por não ter presidido ao espetáculo de gala das associações que haviam pedido a referida cruz da Legião para Carlito. Achamos que se trata, isto tudo, de um film com este digno titulo: Carlito entre os *gaffeurs*...

E conclue assim, o corajosamente oculto "Chevalier Hanneton", redator anonimo da *Nouvelles Littéraires*.

(Termina no fim do numero).



Evelyn
Laye

29 — VII — 1931



Uma conquista
dos "talkies"

MARROCOS

(CONCLUSÃO)

Esta revelação feriu miseravelmente a Amy. Mas assim mesmo, insistiu doidamente, em ir ver o homem que era a sua verdadeira alucinação. Avisaram-na de que era o pior lugar ali existente e o infeccionado com gente sordida e mais baixa especie. Ainda assim ela quiz ir.

Quando Amy entrou, Tom tirava a sorte com Julie, uma mestiça que o amava profundamente. As cartas haviam dito que ele amava uma mulher. Tiradas outras, formaram-se as letras do nome dela: AMY JOLLY... Voltou-se ele, bruscamente chocado, ouvindo passos. Amy estava diante dele...

— O que faz você, aqui?...

Foi a primeira cousa que ele lhe perguntou.

— Vim, para vê-lo. Disseram-me que estava ferido...

— Mas não estou. Acha que eles me pegariam?

Estudaram-se. Ambos compreendiam, de sobra, a farça brutal que estavam representando.

— Pensei que você fosse se casar com aquele cavalheiro...

— Vou.

Respondou ela, depois de curta pausa em que pensou em tudo.

Chegou um oficial que ordenou que dispersassem. Tom ergueu-se e lhe disse.

— Parto amanhã, para o deserto, novamente, com meu novo batalhão. Quer ficar, mais uma vez, para me ver partir?...

Tudo ali pareceu escuro diante dela. Ele fez uma rápida continência e afastou-se.

* * *

Mais tarde, quando chegou ao Hotel encontrou La Bessière, disse-lhe que se queria avistar com Tom. Que ele partia novamente na manhã seguinte para o deserto e que ela...

Tornou-se desesperada. La Bessière considerava sua cartada completamente perdida. Mas, cavalheiro acima de tudo, queria servi-la até ao último dos seus recursos. Só assim poderia ter sossego íntimo. Não se opoz a que ela fizesse o que quizesse. Queria ver o que ia acontecer de tudo isso, apenas...

— Fique aqui. Saiba que amo, custe o que custar e aconteça o que acontecer. Quando pensei em dar o jantar e anunciar o nosso noivado, esqueci-me de que o coração humano existe. Mas eu a amo, profundamente e tudo farei para a sua felicidade, Amy. E' isso que eu quero que saiba.

Beijou-lhe as mãos e ela murmurou, cega com tanta bondade.

— Meu grande, meu querido amigo!...

— Amo-a, Amy! Acho-a a mais decente de todas as criaturas deste mundo. Principalmente por ser você tão violentamente leal para com o seu próprio coração...

— Acho que você daria a vida por mim, La Bessière. Não daria, dedicado, bom, meigo como é?...

— Amo-a, Amy. E' tudo quando lhe posso dizer.

* * *

No dia seguinte, à hora da partida dos legionários, Tom recebeu um profundo beijo de Amy, bem diante de La Bessière que também lhe estendia a mão. Ele não podia compreender aquilo. Profundamente sentia-se tocado por aquele beijo que era a verdadeira loucura da sua vida...

— Entra, Tom! Ali está um disfarce que o fará chegar salvo.

Tom espantou-se. Olhou para ambos. Nêles havia resolução certa.

— Querem que eu deserte?...

La Bessière respondeu-lhe que sim, que o levaria até ao próximo porto e o faria embarcar em companhia de Amy. Tom compreendeu que entre ambos havia qualquer combinação ou qualquer acordo. Vendo que Amy era sua e que era pelas mãos do seu próprio suposto rival que ela vinha ter com ele, disse-lhe, firmemente, depois de pensar alguns segundos.

— Faltam-me apenas três meses de serviço, Amy.

La Bessière afirmou que nada mais do que aquilo poderia fazer. Tom elogiou o caráter daquele homem à paixão de Amy, bem mostrada no olhar profundo e meigo que ela lhe voltava. Segurou as mãos de Amy, disse-lhe.

— Amo-a mais do que a mim próprio, Amy! Nada mais deve valer à você do que a felicidade. Desertar, agora, seria a nossa mútua desgraça. Seríamos cães perseguidos, o restante de nossas vidas. Se me apanhassem, era morte, com certeza. Não devemos começar assim, Amy e eu acho que devemos começar pelo bem.

Amy lia nos sinceros olhos dele que estava sendo sincero e que não mentia ou ludibriava.

Um toque de corneta pô-lo a reunir, juntamente com os outros. Ele a beijou, com ardor e, desejando, naquele beijo, que ela esperasse o seu regresso ou honrasse a sua gloriosa morte, foi ele juntar-se ao resto do batalhão. Ouviram-se tambores. Depois em silêncio todos, a ordem de marchar.

Quando o batalhão sumia, as mulheres formaram o seu batalhão e, vis escravas de seus amores, torturadas criaturas que se arrastavam atrás de seus donos, puzeram-se em marcha, também.

Amy voltou-se para La Bessière. Abraçou-o longamente, beijou-o no rosto, longamente também. Não podia falar. A sua comoção era profunda demais para o fazer. Depois, rápida, tirou os sapatos arrancou as meias e, sem dizer mais palavra, atirou-se, de pés nus, atrás do grupo de mulheres que seguiam os seus soldados os seus donos, as suas próprias vidas.

La Bessière fez um gesto para conter. Deteve-se, depois. Viu que era inútil. Amy já se juntara às outras mulheres e já pegava o ritmo bruto das passadas lentas que as levariam para o encontro da felicidade ou da morte.

Dos lábios dele, ao passo que se metia de novo dentro do seu carro, apenas esta última frase saiu.

— Amam os seus homens!...

E o carro partiu em sentido oposto, até desaparecer no horizonte...

(Descrição especial e exclusiva para CINEARTE).



Agora, a televisão

(FIM)

tistas, músicos, confeccionadores de montagens etc. Muitos serão os beneficiados. O incremento que a arte terá, pelo mundo todo, logo que a televisão se estabeleça, nêle, como se estabeleceu o som pelo espaço. Comodamente gozará uma família o seu espetáculo, em casa, e ouvirá a boa música e o perfeito executor. Programas ideais. Diversão a mais sadia e a mais digna.

Os campos para o desenvolvimento da televisão no cérebro das multidões, então, serão os mais vastos do mundo. Educar-se á uma criança sem pôr os pés fóra do seu lar, dar-se-á completo divertimento á uma família, da ginástica matinal á opera ou ao film á noite, tudo sem pôr os pés fóra do lar. Acostumará mais o homem ao lar e, educando-o, pelo cumulo de civilização que representa, também o divertirá.

Bellamy Bronson Borden

(FIM)

films falados e, por causa disso, quiz ela fazer um outro film que lhe fizesse dar a resposta almejada aos seus ex-produtores. A M. G. M. propoz-lhe 3 mil dólares por um film. Ela regeitou indignada a proposta. A

Universal pediu-lhe um test. A resposta que ela deu é que test era desafôro, que não daria.

Hoje ela diz que deixou de vez o Cinema. Os móveis do seu imenso lar foram todos vendidos em leilão. Declararam, ela e a mãe, que vão morar na Suíça uns dois ou três anos e, mesmo, a própria vida toda talvez... Finalmente, Olive Borden.

Ainda é uma que os produtores acusam de temperamental. Não era popular no Studio. De uma feita, Winfield Sheehan, apenas chegado da Europa, mandou chama-la. Ela respondeu, por intermedio da secretaria, que estava ocupada. Sheehan lhe queria dar, entretanto, que trouxera uma custosa boneca francesa, de Paris, para ela ornamentar seu camarim. Seu salário, na Fox, era de 1.750 dólares por semana. O próximo aumento elevou-o a 2.000. Negócios máus fizeram o Studio propôr nova redução para o antigo salário. Olive, tendo sua mãe a lhe assoprar as atitudes, recusou. Declarou ela que o seu advogado poderia conseguir 3.500 dólares semanais com a United Artists, pelos seus prestimos. A Fox, rapidamente, pois era justamente o que queria, livrou-se dela naquele mesmo instante, dando-lhe ampla liberdade...

Olive, em vez de ir para a United, com a qual nada conseguiu, foi para a R. K. O. Descobrimos, então, que ser "grande dama" apenas atrazava a vida, resolveu-se tornar a creatura mais popular do Studio. Mas já tudo andava de mal para peor, na sua vida artistica. Qual é a resposta para tudo isso?...

Aqui está a resposta.

Greta Garbo também é temperamental. Suas opções, entretanto, são renovadas. O decisivo, nisto, é que ela é necessária á fabrica, porque lhe dá muito dinheiro. Para que ela fique, eles não medem sacrifícios.

Ultimamente a Paramount desanexou Mary Brian, Fay Wray e Jean Arthur da lista dos seus elencos. Foi um choque, em Hollywood! Mary estava com ela há seis anos. Fay, há cinco e Jean a três e 1/2. Mary vendia cerca de 1.700 dólares semanais e Fay, 1.000. Lindas, esplendidas, sem duvida... Mas... fracas! Isto é: sem fascinação radical sobre o publico! Esta é a questão que assoberba os produtores.

Se Madge Bellamy, Betty Bronson e Olive Borden fossem extraordinárias fontes de rendas, sem duvida alguma as fabricas onde as tinham sob contrato não as deixariam ir...

Mary Philbin é outro desses exemplos: venceu, em No Redemolho da Vida, com a direção de Von Stroheim, mas... Depois?... Não tem fascinação, não é nome de bilheteria, eis tudo...

Marlene Dietrich, Joan Crawford, podem faltar a ensaios, deixar de comparecer a chamados de produtores e podem ter a certeza de que nem sequer censuradas serão...

Outras, como Scena Owen, por exemplo, trabalham seis meses para um film, como ela trabalhou para Queen Kelly e, afinal, nem sequer exibido o mesmo é, apesar de dizerem que era o melhor trabalho de toda sua carreira...

Eleanor Boardman volta, agora novamente vitoriosa... Já encontrou a Paramount que lhe ofereceu um longo e feliz contrato.

Extras notáveis

(FIM)

estão também diversos "colossinhos" de elegância, graça e beleza. São elas Leda Lea, a boneca moderna, original e deliciosa. Nina Marina, mimosa e bonitinha, que figurou em "Meu primeiro amor". 2 Veras, muito interessantes e originais. Iolanda Rosa, morena e picante. Diversas coristas do Recreio, que aparecem na cena da piscina, em "mallots" elegantes. Uma Myrna Loy muito curiosa e bem brasileira. Isaura Moore, uma lourinha toda etérea. Uma Corina Freire passada á limpo, numa parte comica... E muitas outras ainda.

E, não deixam de reparar uma certa Olga que é companheira de quarto de Carmen.

Aí estão os principais figurantes de hoje. Talvez muitos amanhã sejam artistas principais. A questão é toda encontrar um papel adequado. E' como "extra" que se chega á estrela. Rodolfo Mayer, em S. Paulo, figurou em "Escrava Isaura", "Misterio do dominó preto" e hoje é o galã de "Casa do Caboclo".

Ha ainda muitos outros extras celebres mas é impossível cita-los todos sem esquecer de alguns.

A tela em revista

(FIM)

Adolphe Menjou, dentro do genero, bom. O caráter da personagem que vive é que não é lá muito agradável.

Utlich Haupt, Francis Mac Donald, Eve Southern, Paul Porcasi e Juliette Compton aparecem. O film sofreu muitos cortes na edição.

A atmosfera de "Marrocos" é que deixa bastante a desejá com aqueles coqueiros murchos na areia e aqueles "Marroquino" de Hollywood...

COTAÇÃO: — BOM.

O que os homens querem

(F I M)

perguntando-lhe o seu segredo para fascinar os homens... O seu segredo, entretanto, não vai além do seu encanto. Mas esse encanto não pode ser ensinado. E' proprio ás pessoas que o têm.

Mary Brian é uma das boas ouvintes que conheço nêsse particular de seduzir e fascinar os homens. Poucas pequenas têm como ela, uma aparência tão pura, tão virginal. Os seus vestidos de noite, são, quasi em regra, claros, vaporosos e ás vezes uma deliciosa gardenia enfeitá-lhe o ombro... Sempre olha os homens com profundo ar de inocência e revira, para êles, os seus lindos olhos grandes. Tudo que faz é estar dentro do seu tipo, representar o seu papel. Jamais procura fascinar pela sedução. Torna-se desejada pela inocência e, pela inocência, subjuga os crentes.

Leila Hyams e Fifi Dorsay são duas que não têm grande experiencia. No entanto, os vestidos que trazem, sempre, são espontaneamente auxilios para qualquer sorte de fascinação que queiram por ventura exercer. Ha, até nos vestidos, um pequenino segredo que as mulheres fascinantes não ignoram e as bonitas ás vezes nem sabem qual seja...

Tons brancos e pretos, para Joan Crawford e Claudette Colbert, são os tons que assentam admiravelmente e fascinadamente, ainda. Os maridos de ambas fascinados ficam e também os das outras e os que ainda não o são... Joan diz, mesmo.

— Uma mulher com um vestido preto e um chapéu preto, queiram ou não queiram, já por si é uma sedução viva para qualquer homem.

Homens maliciosos, já os tenho ouvido citar Ann Harding como a mulher mais atraente do Cinema. A aparência dela, entretanto, sugere bem o contrario... Por que?... E' a tal "cuzinha" que Mona Lisa conhecia e Da Vinci, inspirado por ela, pintou...

Os encantos especiais de Nancy Carroll e Janet Gaynor, vêm do modo de usarem um chapéu, com graça e elegancia ou pelo modo de usar um vestido simples. Assim é que elas se tornam desejadas. Nancy usa perfumes brandos e delicados, também. Janet não usa, nem fortes e nem fracos.

Sobre perfumes, já que dêles falei, convem citar o que dêles diz Myrna Loy:

— Um perfume tudo pode fazer para desfazer uma má impressão. Por exemplo: uma loirinha, sem atração alguma, é ridicula usando um pesado perfume oriental. Isso arruína o seu tipo delineado pela sua pessoa. O perfume deve sempre acompanhar o estilo da mulher que o usa.

Myrna, incidentalmente, não é exótica e nem maliciosa na sua vida privada. Mas, para os que a conhecem pelo Cinema, é a mais exótica de todas.

Era isso que queríamos dizer a res-

29 — VII — 1931



Para ter bellos modos, é preciso andar na moda e, para andar na moda, é preciso ler

a revista mensal MODA E BORDADO

que contém

MODAS: mais de 120 modelos parisienses de facil execução, artisticamente impressos em cores, um risco cortado, chronicas sobre as ultimas novidades.

BORDADOS: á mão e á machina com desenhos em tamanho de execução

ARTE CULINARIA: receitas de pratos deliciosos com as illustrações.

CONSELHOS: sobre belleza esthetica e elegancia. Pedidos do interior ao Gerente de MODA E BORDADO — Caixa Postal 880 — Rua da Quitanda, 7 — Rio, acompanhados de Rs. 3\$000. Preços das assignaturas: Semestre, 16\$000; Anno, 30\$000.

peito de pequenas que os homens querem.

A originalidade de Carlito

(F I M)

— "Depois foi Carlito para a Côte d'Azur. Mas desta vez a multidão começou a achá-lo o que realmente é sempre foi: um cretino, um pobre diabo".

Francamente! E o insulto vem anônimo, reparem. Classifica-se por si proprio. Carlito nada deve aos intelectuais: êles o ignoravam até o momento em que o viram, dominador, sobre os ombros da multidão. Agora passam a condenar a sua vulgaridade...

Depois que o viram vencedor, resolveram, êsses snobs, elogiarem-no, adotarem-no...

Hoje, verificando que o sucesso dêle é demasiado, resolvem enfeitá-lo, novamente...

Os olhos dêles é que se abrem, agora.

Luzes da Cidade forçou-os a compreenderem qual o juízo que êle faz da sociedade, dos intelectuais, dos snobs, á quais especies pertencem os mesmos.

Acertando o que o protocolo pedia, Carlito nada mais fez do que pagar mais um tributo á publicidade necessaria ao programa comercial do seu ultimo trabalho.

Quanto á caçada com o duque de Westminster, aguardem um dos seus proximos films e terão, depois, compreendido como Carlito costuma estudar in loco, os seus gags...

Quanto a não convidar os escritores á sua mesa, nada de admiração vai nisso. Nem Romaim Roland e tão pouco Henri Barbusse participam do seu ideal de fraternização humana. Escreveram sobre êle com o unico fim de ganhar dinheiro, fazendo literatura em torno do mais popular dos entes vivos, apenas...

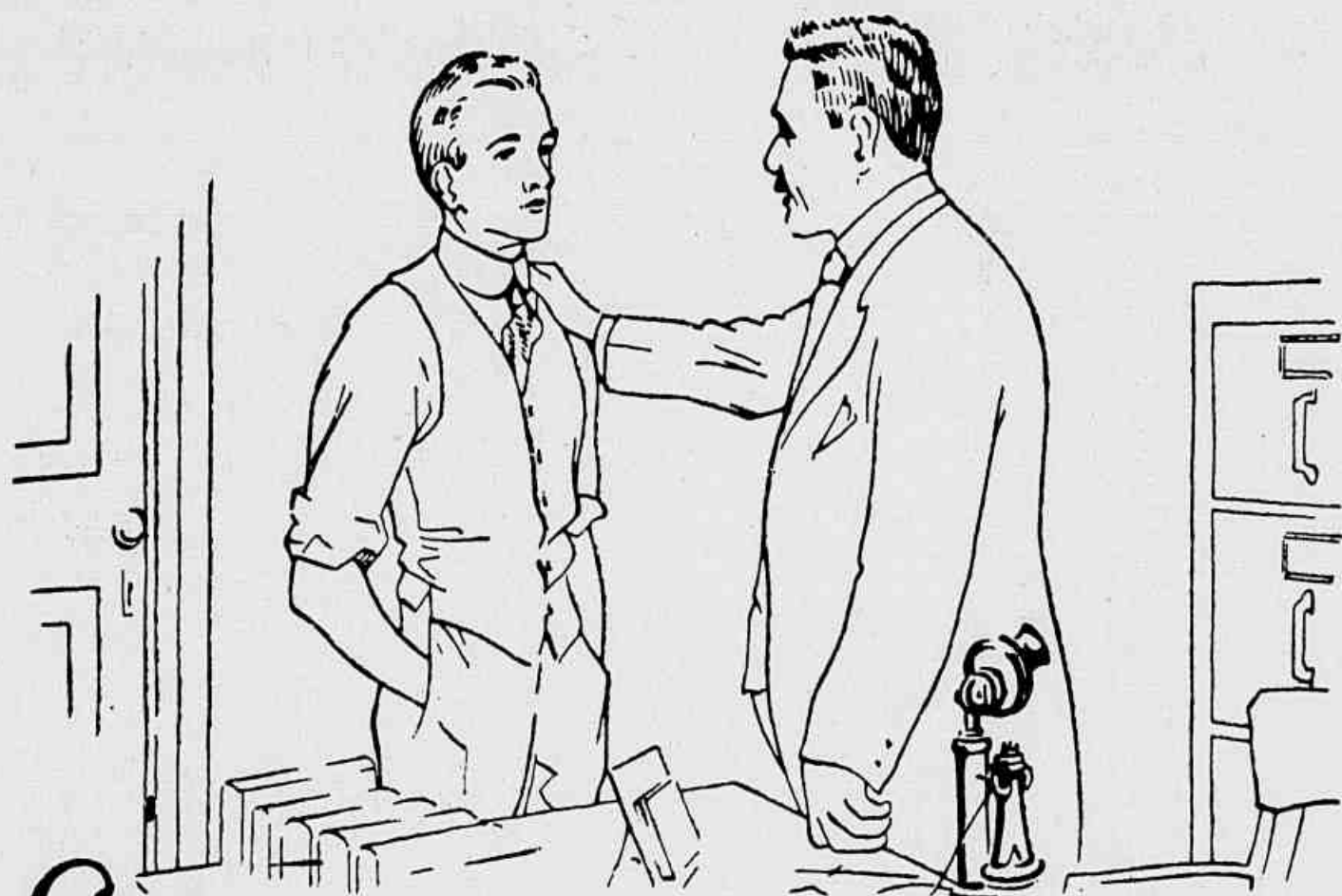
Êsses insultos, essas formas de literaturas despeitadas, de nada adiantam. Carlito continuará a ser o genial Carlito que já é a custa do seu proprio e exclusivo sacrificio. Aquêlê Carlito que na Alemanha distribuiu parte da sua grande fortuna pelos sem trabalho quasi mortos de fome. Aquêlê que, entrevistado pela Rote Fahne, declarou-se solidario com os jovens operarios que tanto estão sofrendo, presentemente, pelo país todo.

Ninguém e nada o impedirão de lançar toda a mensagem "humana", antes de ser "artística", á qual se propôs e servirá para fazer compreender, ao mesmo tempo, aos homens de todas as raças e de todas as linguas, uma angustia que só êle pode exprimir, porque só êle sabe falar essa linguagem universal que é o Cinema.

Carlito vem de dar um tremendo ponta pé no mundo oficial europeu. O grito e a gargalhada dos povos de todos êstes países, estalando, afirmam que o genial artista é o dono da razão.

A história encarregar-se-á do restante.

C I N E A R T E



Ordene ao encarregado de sua garage para somente fazer uso do Kaol, que limpa, com grande facilidade, o mais sujo metal, branco ou amarelado, dando-lhe um brilho maravilhoso

Norma Talmadge deixou a United Artists, segundo declarou Samuel Goldwyn aos jornais. Ela, atualmente, tinha-se dado ao luxo de querer escolher seus argumentos, seus elencos, diretores, etc. Isto enquanto o maridinho Schenck esteve á testa da produção. Samuel Goldwyn, entretanto, achou que isto não era de conveniência para a fábrica e, assim, propôs, amigavelmente, uma dissolução de interesses. Norma aceitou, de bom grado e, assim, desfizeram o contrato que ainda rezava mais dois films. Diz, Norma, que ainda não deixou o Cinema. Que ao menos mais um film fará. Mas que só o fará, entretanto, quando tiver a certeza de que tenha encontrado a história que lhe convém. Aconselhamo-la, desde já, amigavelmente, também, que não escolha "Honrarás tua Mãe", porque a

Fox já a está filmando, com Mac Marsh no papel que ela poderia viver...

Ground Hogs, a comedia que Howard Hughes vai produzir, dirigida por Edward Sedgwick, terá Spencer Tracy como principal artista e Sidney Toler num bom film. Os shots de aviação são os remanescentes de **Anjos do Inferno**, que aqui neste film vão ser aproveitados.

Depois de 12 anos de ausencia das telas, Sessue Hayakawa, astro que fulgiu em vários films, inclusive o celebre **A Ferreteada** (The Cheat), dirigido por Cecil B. De Mille e que tinha Fanny Ward no primeiro papel. Hayakawa teve, com a Paramount, Robertson Cole, Exhibitors Mutual e outras fábricas, vários e longos contratos e a todos deu cumprimento com a sua esplendida representação, das mais sobrias que nos recordamos. Hoje, contrata-o a Paramount estando ele em pleno Japão, para vir ter, ao lado de Anna May Weng, o primeiro papel masculino em **The Daughter of the Dragon**, argumento de Max Rohmer. O film se-

AS RUGAS

(Parodia a "As pombas" de Raymundo Corrêa)

Surge a primeira ruga sem piedade,
Surge outra mais... mais outra... enfim dezenas
De rugas surgem numa face, — apenas
Foge tristonha, a nossa mocidade...

E á noite, quando temos a liberdade
De passear, — as rugas, sempre amenas,
Em nossa face, como as açucenas,
Reflectem já dizendo a nossa idade...

Tambem de nosso cerebro, aos punhados,
Vão sahindo remedios planejados
Para acabarem rugas, e jamais

Conseguem; voltam pois, logo soltam.
Mas, com outro remedio as rugas voltam;
Com o RUGOL não voltam nunca mais.

rá dirigido por Lloyd Corrigan. Anna May Wong é a protagonista. Warner Oland, Dr. Fu Manchu e Hayakawa, um agente de Scotland Yard.

O pequeno Jackie Cooper, garoto que fez um desusado sucesso em **Skippy** e, ainda, **Young Donovan's Kid**, este último film de Richard Dix, do qual roubou as preferencias do público, acaba de ter um contrato com a M. G. M., por longo prazo. Ele pertencia a Hal Roach que, com a **Our Gang**, tinha-o sob seu jugo. Hal, entretanto, que também pertence á M. G. M., cedeu-o mediante um acordo qualquer que não vem ao caso. O seu primeiro film será possivelmente **Oliver Twist** e reza a soma do seu contrato a pequenina importancia de 1.500 dollares por semana...

The Rose of the Rancho, que ia ser feito pela Paramount, com Dolores Del Rio e Richard Arlen, foi aliado. A Paramount resolveu fazê-lo mais tarde. Dolores, entretanto, não ficará sem o film que tem a fazer para a Paramount, antes de iniciar o seu grande contrato com a RKO. Será a heroína de Gary Cooper em **Broken Wings**. Aqui está um caso interessante: Dolores, a creatura menos amiga de Lupe Velez, no mundo, vai justamente ser a "pequena" de Gary num film... Teremos unhadas, dentadas e sopapos, quando Lupe fôr assistir alguma filmagem?...

Todas As Senhoras São Interessadas ...

— E' UMA REVISTA PARA O LAR —

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Creadores
— Da Moda Parisiense —

MODA E BORDADO

FIGURINO MENSAL

Ensinaamentos completos sobre trabalhos de agulha e a machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em cores variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Costumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para creanças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia. Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Snr. Gerente de "Moda e Bordado" Caixa Postal 880

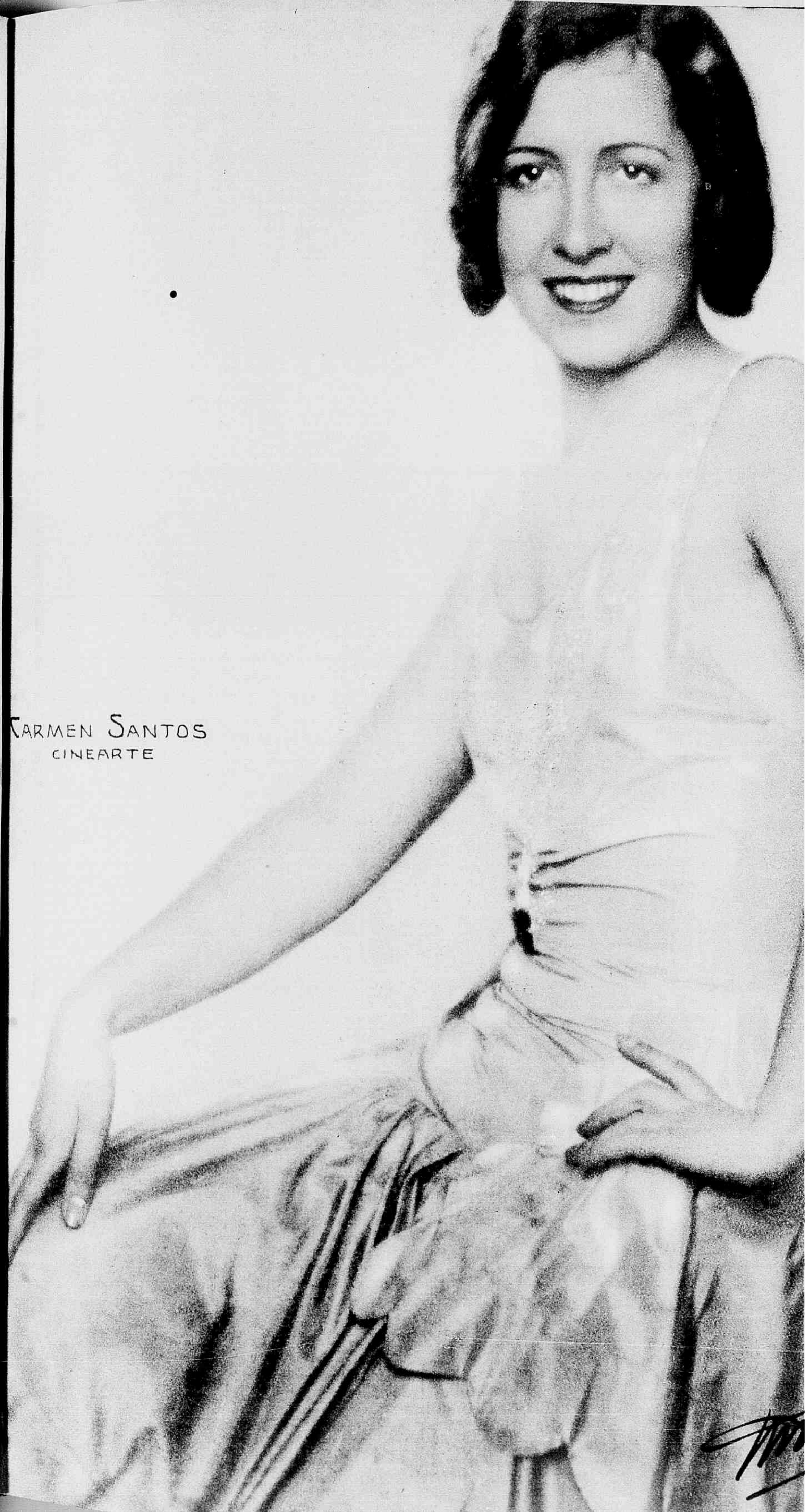
— RIO —

Envio-lhe { **3\$000 para receber 1 numero**
1\$5000 " " durante 6 mezes
30\$000 " " " 12 "

NOME.....

Ender.....

Cid..... **Est**.....



CARMEN SANTOS
CINEARTE

[Handwritten signature]



*A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.*

